

Revista Ave Maria

Ano 127 | Outubro 2025

O legado de São **Francisco:**

*conheça as ordens franciscanas
e como cada uma vive o
ser franciscano*



REPORTAGEM

Missão de evangelizar
no coração do mundo

MARIOLOGIA

A festiva devoção
no Círio de Nazaré

DOCTRINA

Halloween e o
olhar do cristão

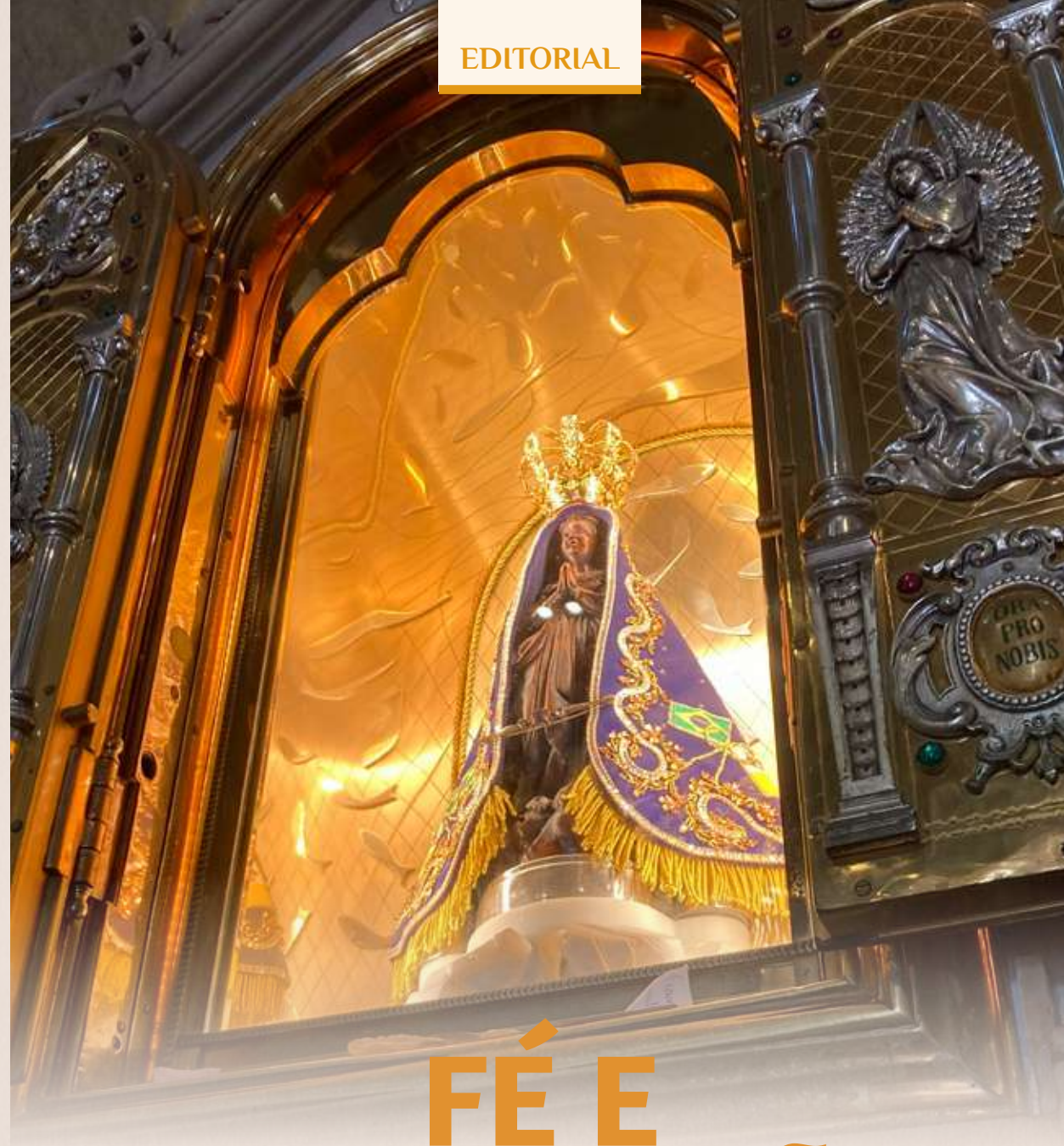


Imagem: Fabio Fernando Torrezan

FÉ E INTERCESSÃO

Outubro é especial para todos os brasileiros. É o momento em que voltamos nossos olhos com especial carinho para nossa padroeira, a Senhora Aparecida, mãe intercessora da nossa nação. Sua festa, mais do que uma data solene, traz a nós uma mensagem de esperança, fé renovada e compromisso de amor ao próximo.

A liturgia dessa celebração ilumina o papel de Maria como intercessora por todos nós. Nos relatos

das Escrituras, vemos a força da fé feminina em diferentes passagens que apontam para essa característica tão marcante da vida de Nossa Senhora. Na primeira leitura, por exemplo, conhecemos Ester, uma mulher corajosa que arrisca sua vida pelo seu povo ao interceder junto ao rei. Ester nos ensina sobre coragem e compaixão, sendo uma figura que se antecipa e aponta para Maria, ela mesma intercessora poderosa, que se coloca entre nós e seu

Filho, apresentando nossas causas e nossas necessidades.

No Evangelho das bodas de Caná, Maria exerce essa incumbência com amor e confiança. Com uma sensibilidade que só uma mãe tem, ela percebe a necessidade dos noivos e, mesmo diante da aparente relutância de Jesus, intervém: “Fazei o que Ele vos disser” (Jo 2,5). É ali que acontece o primeiro sinal de Jesus, provando que onde Maria está presente há Jesus, há transformação, há abundância. Essa abundância também nos é refletida no vinho bom, que simboliza a alegria de uma fé renovada. Não é mais um cumprimento de ritos antigos, mas o início de uma nova aliança.

Celebrar Nossa Senhora Aparecida é lembrar que o Brasil tem uma mãe e intercessora que sorri para seus filhos e clama por eles diante de seu Filho. Mais do que simbolizar a fé popular, a Mãe Aparecida nos chama a acolher sua sensibilidade, a abrir o coração para os sinais de Deus e a agir diante das necessidades dos que estão ao nosso redor. Assim, como Maria podemos ser instrumentos de amor, consolo e transformação.

O que significa ser devoto de Nossa Senhora Aparecida no Brasil de 2025? Em tempos de tensões sociais, desafios ambientais e desigualdades crescentes somos chamados a renovar nossa fé e nos comprometer com os valores que ela tão bem representa: empatia, união e caridade. Da mesma forma que Maria intercedeu pelos noivos de Caná, ela continua a interceder por nós; no entanto, cabe também a nós agir, transformar nossas vidas e



Imagem: Giotto di Bondone / Wikipedia

fortalecer nossa fé, sendo sinais de esperança neste mundo.

Que a celebração dessa padroeira do Brasil nos inspire a clamar, como Maria: “O Senhor fez em mim maravilhas”. Que da nossa parte haja o compromisso de sermos também sinais de maravilhas na vida de quem mais precisa. A intercessão materna de Nossa Senhora nos aponta sempre para Cristo, o vinho novo que dá sentido e alegria às nossas vidas.

Sob o manto de Nossa Senhora Aparecida, que sigamos juntos como uma nação acolhedora, generosa e fiel. Que ela seja sempre nossa mãe carinhosa e padroeira, intercedendo por nós e nos mostrando o caminho para uma vida plena de amor e sensibilidade espiritual.

Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós! ●



Ave Maria

126 anos

Notas Marianas

NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

A devoção a Nossa Senhora de Guadalupe remonta ao ano de 1523, quando ela apareceu para o índio asteca Juan Diego e lhe pediu que construísse no local da aparição uma capela em sua honra. Diante da descrença das autoridades eclesiásticas, a Virgem pediu que o piedoso índio recolhesse algumas flores silvestres e as levasse envolvidas em seu manto ao bispo. Quando o bispo abriu o manto, revelou-se a imagem da Virgem, conhecida hoje como Virgem de Guadalupe.

SUMÁRIO



38 MATÉRIA DE CAPA

MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR

5 SUTILEZAS DE DEUS E DA VIRGEM MARIA

6 ESPAÇO DO LEITOR

VOCAÇÕES NA BÍBLIA

8 JACÓ, O ABENÇOADO

10 ACONTECE NA IGREJA

SANTO DO MÊS

12 SÃO JOÃO LEONARDI

MÚSICA SACRA

14 QUE VOS AGRADE O CANTAR DOS MEUS LÁBIOS

REFLEXÃO BÍBLICA

16 AS MULHERES NO EVANGELHO DE LUCAS

DOCTRINA

18 HALLOWEEN E O OLHAR DO CRISTÃO

EDUCAÇÃO

20 EDUCAR, UM COMPROMISSO E ESPERANÇA

MISERICÓRDIA

22 SUA MISERICÓRDIA NÃO SE ESQOTA

LANÇAMENTO

24 GRATIA PLENA: A GRANDEZA DA VIRGEM



IGREJA DIGITAL

30 COMUNICAR E EVANGELIZAR

PERDÃO

32 PERDOAI-NOS, SENHOR

CRÔNICA

36 A MISSÃO QUE MORA NO COTIDIANO

SANTUÁRIOS BRASILEIROS

44 SANTUÁRIO FREI GALVÃO, EM QUARATINGUETÁ (SP)

46 PALAVRA DO PAPA

CATEQUESE

48 PSICOPEDAGOGIA CATEQUÉTICA NA JUVENTUDE

MARIOLOGIA

50 A FESTIVA DEVOÇÃO NO CÍRIO DE NAZARÉ

ESPIRITUALIDADE

52 O PAI-NOSSO

MODELO

54 AOS PÉS DA MÃE APARECIDA

JUVENTUDE

56 O SEXTO MANDAMENTO É UM ALERTA EM RELAÇÃO À CASTIDADE

SAÚDE

58 ACIDENTE VASCULAR CEREBRAL: UM ABRAÇO, UM SORRISO E UMA VIDA

RELAÇÕES FAMILIARES

60 A FAMÍLIA CRISTÃ COMO ESPAÇO DE MISSÃO

VIVA MELHOR

62 DICAS PARA CRIAR O HÁBITO DE LER

EVANGELIZAÇÃO

64 JESUS, O MENSAGEIRO DO REINO: "HOJE SE CUMPRIU A ESCRITURA" (LC 4,21)

66 SABOR & ARTE NA MESA

Revista
Ave Maria

Direção Administrativa

Rodrigo Godoi Fiorini

Direção Editorial

Luís Erlin (MTB 52736/SP)

Gerência Editorial

Álison Henrique Monte

Editor Assistente

Isaías Silva Pinto

Projeto Gráfico

Rodrigo Henrique da Silva

Diagramação

Fabio Fernando Torrezan

Correspondências

Rua Martim Francisco, 636, São Paulo, SP,
01226-000, revista@avemaria.com.br

Anúncios

Thiago Alves, Tel.: (11) 3823-1060
divulgacao.revista@avemaria.com.br

Produção Editorial



Conselho Editorial

Álison Henrique Monte,
Isaías Silva Pinto, Pe. Luís Erlin, Pe.
Rodrigo Fiorini, Sérgio Fernandes, Caio
Vieira, Thiago Alves e Valdeci Toledo.



Revista Ave Maria é uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 1980-7872, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.



A Editora Ave-Maria faz parte do Grupo de Editores Claretianos (Claret Publishing Group). Bangalore; Barcelona; Buenos Aires; Chennai; Colombo; Dar es Salaam; Lagos; Macau; Madri; Manila; Owerri; São Paulo; Varsóvia; Yaoundé.

Imagem da capa

Imagem: José Benlliure y Gil
commons.wikimedia.org

f / revistaavemaria

@ revistaavemaria

revistaavemaria.com.br

SUTILEZAS DE DEUS E DA VIRGEM MARIA

♦ Pe. Brás Lorenzetti, cmf ♦

A vida é um convite contínuo ao crescimento cultural, humano e espiritual. Se nos consideramos satisfeitos ou pensamos não precisar mais de nenhum tipo de aprofundamento, começamos a regredir, paramos de crescer e de viver!

A vivência cada vez mais intensa da espiritualidade faz descortinar novos mundos e descobrir possibilidades antes não imaginadas. Muitas experiências poderiam ser mencionadas aqui, no entanto, gostaria de citar uma que poderá ajudar, pelo menos, a refletir. Ao mergulhar mais profundamente na vida espiritual e de oração passamos a ter outra sensibilidade em relação à forma como Deus e a Virgem Maria se comunicam conosco.

O que vou relatar agora pode acontecer com cada um de nós, porém, cada um deve descobrir as diferentes e criativas formas de manifestação de Deus em sua própria vida. Aprendi que são muitas as formas de Deus se manifestar, porém, todas elas muito sutis, quase imperceptíveis e não por mérito, mas por pura graça: uma inspiração, uma visão, uma palavra da Escritura, uma figura, uma imagem e até um milagre.

Sentir algo diferente, a sensibilidade e a emoção elevadas ao grau máximo, sentir uma presença que não se sabe explicar; às vezes uma intuição, outras, um interrogante. A certeza que se tem é a necessidade de estar atento, devoto, consciente e muito voltado para o interior, a fim de poder captar a voz de Deus que no silêncio se comunica. E assim acontece, seja nos grandes acontecimentos da vida, seja em várias outras ocasiões, mas sempre em clima de oração.

Por isso, a prática da espiritualidade e, em especial, da oração nos coloca em sintonia para perceber esses sinais da presença de Deus, como também da intercessão da Virgem Maria. O ativismo e a dispersão nos impedem de captar as sutis comunicações do Alto. Assim viveram os grandes mestres da vida



Imagem: A Anunciação, de Francisco de Goya (por volta de 1785) / Wikipedia

espiritual e, em especial, os santos. O próprio Santo Antônio Maria Claret, por ocasião da conservação da Eucaristia em seu peito, de uma comunhão a outra, dizia “Eu preciso estar muito recolhido e devoto interiormente” para não se afastar da presença daquele que o habitava como sacrário vivo.

Se conosco Deus se manifesta dessa forma, imagine sua presença na vida da Virgem Maria. Essa percepção foi tal a ponto de Maria conceber em seu seio, pela ação do Espírito Santo, Jesus, o Filho de Deus; proximidade e comunhão espiritual nos mínimos acontecimentos da vida faziam de Maria uma mulher em constante e profunda união com Deus e, na gravidez, com seu filho, Jesus. Nenhuma sutil manifestação passava despercebida na vida de Maria; é por isso que, nos evangelhos, vemos a presença marcante de Maria no silêncio e não tanto na fala.

Contemplemos, pois, o silêncio de Maria, que, por si, é eloquente não em palavras, mas em atenção e comunhão com o Divino. Tenhamos a certeza de que assim como Maria estava atenta à ação e à voz de Deus, assim também ela está atenta aos nossos rogos, como mãe que é de todos nós.

A propósito, como você tem sentido a presença de Deus em sua vida? Que sinais, moções ou inspirações indicam que Deus está próximo e quer se comunicar consigo?●

“Cresci vendo meus pais lendo a *Revista Ave Maria*. Agora que sou adulta, percebo o valor e a profundidade dos conteúdos, que me mantêm conectada à minha fé de uma maneira muito contemporânea.”

Mariana, 23 anos

“A *Revista Ave Maria* é um lembrete mensal da beleza da nossa fé católica. Amo a maneira como aborda os temas atuais.”

Isadora, 35 anos

“Os artigos me ajudam muito na minha vida espiritual. A *Revista Ave Maria* é mais que uma revista, é uma companhia.”

Pedro, 29 anos

“Leio a *Revista Ave Maria* desde jovem e é incrível como ela continua relevante após todos estes anos. Uma verdadeira joia da nossa cultura.”

Laura, 67 anos

“Comecei a ler por recomendação do meu avô e fiquei surpreso com quão atual e interessante é! Ajuda muito na minha formação como católico.”

Felipe, 18 anos

“A *Revista Ave Maria* tem sido uma fonte constante de inspiração e orientação. Os artigos sobre família são os meus favoritos.”

Cláudia, 54 anos

“Para um jovem em busca de respostas, a *Revista Ave Maria* tem sido um guia espiritual. Recomendo!”

Camila, 19 anos

“Em um mundo tão agitado, a *Revista Ave Maria* é a minha fonte de serenidade e conexão com o divino.”

Fernanda, 33 anos

“Na correria da vida de mãe, a *Revista Ave Maria* é meu momento de pausa e reflexão. Indispensável!”

Júlia, 39 anos

“Morando longe, a *Revista Ave Maria* me faz sentir mais próximo das minhas raízes e da minha fé. É uma bênção!”

André, 31 anos

“Vi a *Revista Ave Maria* evoluir ao longo dos anos e, ainda assim, manter sua essência. Uma verdadeira mestra na fé.”

Tereza, 72 anos

“Nos dias de hoje, ter uma revista que nos conecta com a fé de forma tão autêntica é raro. Sou grato pela *Revista Ave Maria*.”

Lucas, 21 anos

“A cada edição, sinto um renovar da minha fé. A *Revista Ave Maria* é um farol no mundo moderno.”

Antônio, 50 anos

“A interação entre tradição e atualidade é incrível. Mostra que a fé católica está viva e pulsante em nossos dias.”

Beatriz, 28 anos

“Lembro-me de ler com meus pais. Agora, compartilho essa experiência com meus sobrinhos. A *Revista Ave Maria* transcende gerações.”

Gustavo, 37 anos

“A riqueza dos conteúdos, o compromisso com a verdade e a beleza da fé católica se manifestam em cada página. Parabéns pelo trabalho de décadas!”

Carlos, 43 anos

“Em meio ao caos do dia a dia, a *Revista Ave Maria* traz a paz de que minha alma precisa. Continuem com o excelente trabalho!”

Rafael, 48 anos

“Como professora, sempre a indico aos meus alunos. Os textos são ricos e ajudam muito na formação espiritual e moral.”

Daniela, 27 anos



QUEREMOS SABER A SUA OPINIÃO

Envie uma mensagem pelo nosso site ou uma carta para

Rua Martim Francisco, 636, 2º andar, Santa Cecília, São Paulo, CEP 01226-002

Claretiano

A faculdade
que é **mais+**
por você.

+ de 110
polos pelo Brasil



Encontre o polo
mais perto de você

Mais de 30 cursos
de **Graduação.**

Confira, também, os cursos de
2ª Graduação e Pós-graduação.



VESTIBULAR • INSCREVA-SE

claretiano.edu.br

0800 34 41 77 • (16) 3660 1777




Claretiano
CENTRO UNIVERSITÁRIO





JACÓ, O ABENÇOADO

♦ Pe. Nilton Cesar Boni, cmf ♦

A narrativa histórica de Jacó está em Gênesis, dos capítulos 27 a 37, e não é fácil de ser interpretada, pois está cheia de contradições.

Etimologicamente, Jacó significa “o segurará pelo calcanhar”. Ele era filho de Isaac com Rebeca e sua mãe orquestrou um plano para que tomasse o lugar de seu irmão gêmeo Esaú na progenitura e fosse abençoado antes; no entanto, com a descoberta da fraude, Esaú decidiu matá-lo. Para que não se cometesse mais um fratricídio a exemplo de Caim e Abel, sua mãe pediu a Jacó que fugisse para a casa de Labão. No caminho, Jacó teve um sonho e pela primeira vez encontrou o Senhor, que lhe dirigiu um chamado especial: “Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão, teu pai e o Deus de Isaac; darei a ti e à tua descendência a terra em que estás deitado. Tua posteridade será tão numerosa como os grãos de poeira no solo. Estou contigo, para te guardar onde quer que fores, e te reconduzirei a esta terra, e não te abandonarei sem ter cumprido o que te prometi” (Gn 28,13-15).

Antes desse sonho, Jacó não tinha nenhuma importância, era apenas o neto de Abraão e estava inserido no contexto da aliança e da promessa. Deus invadiu o sono de Jacó e se manifestou. O Senhor foi misericordioso com Jacó mesmo nos conflitos com a família e preparou a volta do patriarca para Canaã e a reconciliação com seu irmão, Esaú.

Jacó percorreu um caminho de lutas e acertos. Na sua noite escura de oração e encontro com o Senhor, entendeu que sua vocação era formar o povo de Deus. Na mudança de nome de Jacó para Israel (“aquele que luta com Deus”), assumiu a nova identidade a serviço do povo. A experiência de ser abençoado foi a garantia de que sua vida

tinha um sentido e sua missão era guiada por aquele que o transformara.

Podemos dizer que Jacó representa o arquétipo das pessoas que durante a vida lutam com Deus em busca de respostas e, mesmo nas penas e revoltas, o Senhor não desiste de amá-las, assim como não nos deixa sozinhos

Deus tem um propósito para cada um de seus filhos e fará de tudo para assegurar sua bênção, mesmo que a liberdade humana escolha caminhos errados que afastam da graça. O Pai amoroso tratará de resgatar os perdidos, dando-lhes uma nova identidade e a posse de um novo horizonte. Deus vai trabalhando no coração, lapidando-o até o momento do encontro com o passado e a reconciliação plena que culminará em outro ritmo existencial.

“Nós também, como Jacó, somos mendigos de bênçãos, mas hoje corremos o risco de perder a capacidade espiritual de compreender que as grandes bênçãos se escondem dentro das feridas feitas na carne das nossas relações: ‘Jacó chegou são e salvo à cidade de Siquém, na terra de Canaã (Gn 33,18)’.” (Luigino Bruni, *O perdão é luta abençoada*).

As lutas de Jacó desencadearam a formação do povo de Israel. Sua numerosa descendência (doze filhos) formou as doze tribos, encerrando o tempo dos patriarcas bíblicos e abrindo o das novas comunidades.●

MILAGRE DE SÃO JANUÁRIO RENOVOU FÉ E TROUXE APELO PELA PAZ EM NÁPOLES

No último dia 19 de setembro, a cidade de Nápoles, na Itália, voltou a testemunhar o tradicional milagre da liquefação do sangue de São Januário, padroeiro local. A celebração aconteceu na catedral da cidade durante a Missa solene da festa do santo, atraindo uma multidão de fiéis.

Às 10h07 (horário local), após o sinal com um lenço branco, o arcebispo de Nápoles, Cardeal Domenico Battaglia, apresentou aos presentes o frasco com o sangue liquefeito, gesto que foi acolhido com profunda devoção.

Na homilia, o cardeal destacou que o sinal não deve ser visto como superstição, mas como um convite à confiança radical no Evangelho. “Hoje, Nápoles para como o mar quando o vento se acalma. No centro, não um objeto, mas um sinal: um frasco, um sangue, um nome: Januário”, disse O arcebispo também relacionou o prodígio à realidade de conflitos que marcam o cenário internacional: “O sangue de Januário se mistura idealmente com o sangue derramado na Palestina, como na Ucrânia e em todas as terras feridas, onde a violência se considera onipotente e nada mais é do que barulho”, afirmou. Em sua pregação, fez ainda um apelo direto por paz

em Israel e na Palestina, pedindo o fim da violência, dos cercos e das represálias.

UMA TRADIÇÃO QUE SE REPETE

A liquefação do sangue de São Januário é chamada canonicamente de “prodígio” e acontece três vezes ao ano: em 19 de setembro (dia de sua memória litúrgica), em 16 de dezembro e no sábado anterior ao primeiro domingo de maio. Segundo a tradição, o sangue foi recolhido após o martírio do santo, no século IV, e desde então se conserva em uma ampola, alternando entre estado sólido e líquido como sinal de intercessão e proteção sobre Nápoles.

QUEM FOI SÃO JANUÁRIO

São Januário nasceu em 272 d.C. e foi bispo de Benevento, região vizinha a Nápoles. Durante a perseguição de Diocleciano, no início do século IV, foi preso com outros cristãos, submetido a torturas e, por fim, decapitado em 19 de setembro de 305. Seu testemunho de fé permanece vivo e, para os napolitanos, ele é um símbolo de esperança e proteção diante das dificuldades da vida cotidiana.●

Fonte: com informações de ACI Digital

BISPOS DA PAN-AMAZÔNIA ENVIARAM AO PAPA LEÃO XIV A “CRUZ AMAZÔNICA” COMO SINAL DE ESPERANÇA E COMPROMISSO

No mês passado, durante o Encontro de Bispos da Pan-Amazônia, realizado em Bogotá, na Colômbia, entre os dias 17 e 20 de agosto, os participantes entregaram ao cardeal Michael Czerny – representante do Vaticano – dois presentes destinados ao Papa Leão XIV: a cruz amazônica e a pombinha da paz. O gesto, carregado de simbolismo, reafirma o



Imagem: Vatican Media

compromisso da Igreja na região com a defesa da vida, dos povos originários e da casa comum.

A CRUZ AMAZÔNICA: VIDA QUE RENASCE DA DOR

As cruzes amazônicas foram confeccionadas pelo artesão boliviano José Dorado, em San Miguel de Velasco, utilizando madeira de árvores queimadas nos incêndios que devastaram 2,8 milhões de hectares da Chiquitania em 2024, o pior índice em duas décadas. Cada uma das 130 peças representa a dor da terra ferida, mas também a esperança de vida que brota do sofrimento. As cruzes foram abençoadas por Dom Robert Flock, bispo de San Ignacio de Velasco.

A POMBINHA MENSAGEIRA DA PAZ

O segundo presente, a pombinha da paz, foi oferecido pelo Peru e envolto em tecido ashaninka. Confeccionada por povos andinos, a peça simboliza o clamor amazônico pela paz e, na tradição cristã, remete ao Espírito Santo como sinal de pureza, presença divina e reconciliação. O cardeal Pedro Barreto, presidente da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA), destacou que o gesto é um chamado a reconhecer os povos originários como guardiões da criação e a ser instrumentos do Espírito Santo na missão da Igreja.

ENTREGA AO VATICANO

Na Missa de encerramento do encontro, celebrada na Catedral Primaz de Bogotá em 20 de agosto, os presentes foram confiados ao Cardeal Czerny, prefeito do Dicastério para o Desenvolvimento Humano Integral, que se comprometeu a le-



Imagem: Vatican Media

vá-los pessoalmente ao Papa Leão XIV.

UM ENCONTRO MARCADO PELO ESPÍRITO SINODAL

Reunindo noventa bispos de 75 jurisdições amazônicas, além de representantes do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM), Célula de Comunicação e Articulação Regional (CLAR), Cáritas América Latina y Caribe (Cáritas ALC), Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), Conferência Eclesial da Amazônia e conferências episcopais, o encontro foi um espaço de escuta, oração e diálogo. Os participantes compartilharam avanços e desafios do processo sinodal e apresentaram propostas para fortalecer a missão da Conferência Eclesial da Amazônia junto às comunidades amazônicas.

O Cardeal Leonardo Steiner, arcebispo de Manaus (AM), recordou que a experiência vivida em Bogotá não foi apenas organizativa, mas profundamente espiritual: “Não se tratou de uma nova estrutura, mas de um espírito que renova e dá sentido à nossa forma de ser Igreja”, afirmou, resumindo o clima do encontro.●

Fonte: com informações de Vatican News



ESTANDARTE

Faça um estandarte para o(a) padroeiro(a) da sua comunidade:
um jeito diferente e alegre para a sua Igreja e procissão!

Você escolhe o tamanho e a estampa do(a) santo(a) padroeiro(a) e nós fizemos o estandarte para você!

Entre em contato para mais informações:

Leonardo Rodrigo

☎ (31) 98344-4005

✉ lrsds76@gmail.com



9 DE OUTUBRO



Imagem: Emmanuel Laffon / Wikipedia

SÃO JOÃO LEONARDI SACERDOTE E FUNDADOR (1541/43-1609)

“N ão se procure no corpo aquilo que não se encontra na cabeça; comece-mos pelos primeiros – cardeais, patriarcas, arcebispos, bispos e párocos, aos quais é pedido diretamente o cuidado das almas – e desçamos até os últimos, isto é, dos chefes às crianças, para que estas não sejam descuidadas por aqueles pelos quais deve começar a reforma dos costumes eclesiásticos.”

O carisma desse reformador pós-tridentino de vistas largas tinha sido posto em ação para o saneamento de todos os componentes da Igreja, em sintonia com outros santos seus contemporâneos como Filipe Néri, Borromeu e Calasans.

ARREGAÇAR AS MANÇAS

Nascido em Diecimo di Borgo em Mozzano, na província de Lucca, em 1541 ou 1543, foi mandado a estudar Farmácia naquela cidade em ebulição pelo fervilhar do Renascimento e pela pregação de Ochino. O jovem Leonardi não se deixou arrastar nem pelo protesto do capuchinho, nem pela vida deleitosa do neopaganismo, mas, brilhante e corajoso como era, conseguiu conquistar a estima de outros jovens e, sob a orientação de um padre dominicano, fundou a associação conhecida como dos pombinhos, com o escopo de arregaçar as mangas e, em vez de perder tempo nas discussões, colocar-se a serviço dos pobres, dos enfermos, dos peregrinos e, acima de tudo, ensinar a doutrina católica às crianças.

Entretanto, amadurecia nele o desejo de consagrar-se totalmente a Deus e pediu para ingressar entre os franciscanos, mas, estes não o aceitaram. Seu confessor aconselhou-o então a preparar-se para o sacerdócio. João deixou de lado os estudos de Farmácia e iniciou os teológicos.

UM REFORMADOR ABSOLUTAMENTE VERSÁTIL

Ordenado sacerdote em 1571, o bispo confiou-lhe a Igreja de São João della Magione, em Lucca. Ajudado por seus pombinhos, instituiu uma escola de catequese para as crianças do bairro, que teve tal sucesso que estimulou o bispo a lhe confiar o ensino da doutrina cristã, primeiramente em todas as igrejas de Lucca e depois naquelas de toda a diocese.

Para atender a essa tarefa, fundou a Companhia da Doutrina Cristã, que admitia leigos e leigas desejosos de dedicar-se à catequese dos pequeninos e dos grandes. Aprovada pelo bispo diocesano e depois pelo Papa Clemente VIII, ela se propagou amplamente, primeiro em Lucca e depois também em Roma e em Nápoles.

Para esses catequistas e para os párocos, Leonardi escreveu um opúsculo que teve muitíssimas edições: *Dottrina cristiana da insegnarsi dalli curati nelle loro parrocchie a' fanciulli della città di Lucca e sua diocesi* (Doutrina cristã para ser ensinada pelos párocos em suas paróquias a crianças da cidade de Lucca e sua diocese).

Deu-se conta, porém, de que enquanto os seus catequistas, com o exemplo e com o ensino, não só formavam para a vida cristã fileiras de crianças e de jovens, mas operavam numerosas conversões entre os próprios adultos, não havia sacerdotes preparados para colher tais frutos com o ministério da confissão e da direção espiritual. Fundou então a Confraria dos Padres Reformados (1574), que mais tarde (1614) foi

aprovada por Paulo V com o nome de Clérigos Regulares da Mãe de Deus.

O VENTO DA PERSEGUIÇÃO

Quando a jovem congregação se afirmava e contava entre seus membros também pessoas ilustres, desencadeou-se a perseguição. Alguns clérigos laxistas e outros leigos que detinham o poder político na cidade, sentindo-se ameaçados pela obra de reforma e pela ascendência que o santo conquistava junto ao povo, coligaram-se contra Leonardi. Declararam-lhe a guerra mais despiada, chegando até mesmo a privar não somente ele, mas também sua comunidade, do reabastecimento de víveres e forçando-o a pedir esmola.

Mesmo constrangido a deslocar-se para uma igreja menos central, Leonardi não se rendeu, também porque gozava do apoio do bispo que, nesse meio tempo, aprovava a jovem congregação. Encorajado por esse decreto diocesano, dirigiu-se imediatamente a Roma para obter a aprovação pontifícia.

Os adversários, aproveitando-se de sua ausência, obtiveram dois sucessos contra ele: mediante um decreto, os magnatas da cidade o baniram in perpetuo de Lucca

como perturbador da ordem pública e, além disso, algumas más línguas conseguiram semear a divisão não só entre os fiéis, mas na própria comunidade do santo.

Leonardi não se surpreendeu com a sentença injusta dos juízes de Lucca, aos quais pediu em vão que provassem as acusações contra ele, mas sentiu-se profundamente magoado pela ferida causada à nascente congregação pela infidelidade de alguns de seus filhos, uma ferida que por diversas vezes procurou curar com imensa caridade, porém, sem sucesso.

A AJUDA FRATERNA DE SÃO FILIPE NÉRI

Embora Leonardi nunca houvesse perdido a esperança de restabelecer a paz com Lucca foi-lhe aconselhado abrir uma casa em Roma, onde gozava da estima do Papa e de muitos amigos. A Comunidade dos Padres Reformados, dos mais fiéis ao fundador, estabeleceu-se em Santa Maria in Portico e a nova congregação foi posta sob a proteção do Cardeal Barônio. Este, por conselho de Filipe Néri, quis que Leonardi fosse eleito novamente superior-geral, não obstante os protestos inveterados dos habitantes de Lucca, e empenhou-se de todos os modos para favorecer o desenvolvimento da nova fundação.●

DICA DE LIVRO



MÁRTIRES E SANTOS DO CALENDÁRIO ROMANO,
de Enrico Pepe, publicado
pela Editora Ave-Maria.

◆ Ricardo Abrahão ◆

“Que vos agrade o cantar dos meus lábios e a voz da minha alma; que ela chegue até vós, ó Senhor, meu Rochedo e Redentor!” (Sl 18 [19]).●



Imagem: vectorfusionart/ Adobe Stock

AS MULHERES NO EVANGELHO DE LUCAS

♦ Pe. Antônio Ferreira, cmf ♦



O Evangelho de Lucas apresenta-se como aquele que mais concede espaço e protagonismo às mulheres na vida e na missão de Jesus. Desde os primeiros capítulos, observa-se uma valorização singular da presença feminina, não apenas como figuras secundárias, mas como discípulas e testemunhas privilegiadas da Boa-Nova. Esse traço particular reflete a intenção do evangelista de destacar a universalidade da salvação e a inclusão dos marginalizados, entre os quais as mulheres ocupam lugar central.

Já no início da narrativa, duas mulheres desempenham papel fundamental: Maria e Isabel. Maria é saudada como a cheia de graça (cf. Lc 1,28), modelo de fé e disponibilidade ao plano divino. Seu cântico, o *Magnificat* (cf. Lc 1,46-55), expressa a inversão das estruturas sociais e anuncia a justiça do Reino, elevando os humildes e derrubando os poderosos. Isabel, por sua vez, é retratada como mulher justa e repleta do Espírito Santo (cf. Lc 1,41), reconhecendo em Maria a mãe do Senhor. Ambas inauguram o protagonismo feminino no processo da encarnação e da promessa messiânica.

Outro exemplo é Ana, a profetisa (cf. Lc 2,36-38), viúva idosa que reconhece no Menino Jesus o cumprimento da esperança de Israel e anuncia sua chegada a todos os que esperavam a redenção. A presença de Ana, ao lado de Simeão, ilustra a complementaridade entre homens e mulheres no testemunho da fé.

Lucas apresenta também figuras anônimas que evidenciam a

compaixão de Jesus. A viúva de Naim (cf. Lc 7,11-17) recebe dele a misericórdia ao ver restituído à vida o seu único filho.



**Esse gesto revela
a profunda
sensibilidade
de Jesus diante
da condição
de fragilidade
da mulher
na sociedade
patriarcal, na
qual a perda do
marido ou dos
filhos significava
abandono e miséria**



No caminho de Jesus, encontram-se ainda mulheres discípulas que o acompanham de perto: “Maria Madalena, Joana, mulher de Cuza, administrador de Herodes e Susana, e muitas outras que os ajudavam com seus bens” (Lc 8,1-3). Esse trecho é notável por situar as mulheres entre os discípulos, em contraste com as estruturas sociais da época. Maria Madalena, em particular, será apresentada no fim do Evangelho como a primeira testemunha da ressurreição (cf. Lc 24,1-10), título de grande relevância, pois na cultura judaica o testemunho feminino não era juridicamente reconhecido.

Na narrativa de Lucas, destacam-se igualmente as irmãs Marta e Maria (cf. Lc 10,38-42). Marta representa a dedicação do

serviço hospitaleiro, enquanto Maria é apresentada aos pés de Jesus, em atitude de escuta e discipulado. Ao tomar a defesa de Maria, o Mestre legitima a presença da mulher no espaço do discipulado e da escuta da Palavra, rompendo as barreiras culturais vigentes em sua época.

Assim, Lucas articula uma teologia inclusiva, em que as mulheres não são apenas beneficiárias da ação de Jesus, mas participantes ativas de sua missão. Como observa Brown (1999), a opção do evangelista por enfatizar essas personagens revela uma “dimensão universal do Evangelho, na qual os que eram considerados socialmente frágeis tornam-se portadores da revelação”. Bovon (2002) acrescenta que a figura feminina em Lucas funciona como “espelho da comunidade cristã nascente, chamada a viver a fé na escuta, no serviço e no testemunho”.

O Evangelho de Lucas apresenta as mulheres como presenças discretas, mas decisivas, na história da salvação. Elas acompanham Jesus desde o anúncio do Messias até a ressurreição, indicando que a mensagem do Reino de Deus irrompe barreiras culturais e sociais. Essa ênfase de Lucas constitui um convite permanente para o reconhecimento e valorização da missão das mulheres na vida comunitária e na evangelização. ●

Referências bibliográficas

- BOVON, François. *Luke the theologian: fifty-five years of research (1950-2005)*. Waco: Baylor University Press, 2006.
- BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- FITZMYER, Joseph A. *The Gospel according to Luke I-IX*. New York: Doubleday, 1981.

◆ Rogério Bellini* ◆

Mas, afinal, o católico deve participar? Penso que é preciso equilíbrio. De um lado, não faz sentido abraçar acriticamente símbolos que podem transmitir mensagens contrárias à fé, como exaltação do medo ou do mal. Por outro, não vejo necessidade de uma postura moralista que afaste o cristão de todo contato com a festa. Se a escola de inglês promove uma atividade ou se alguém é convidado para uma festa de aniversário

Mais importante do que discutir se “pode ou não pode” é recordar que o cristão é chamado a testemunhar a alegria do Evangelho em qualquer ambiente. Nesse sentido, o *Halloween* pode até ser ocasião para valorizar a fraternidade, a convivência e, quem sabe, apontar para o verdadeiro sentido que a Igreja nos convida a celebrar no início de novembro: a vitória da vida sobre a morte em Cristo e a comunhão dos santos. ●

www.revistaavemaria.com.br



Imagem: sorapop / Adobe Stock

EDUCAR,

UM COMPROMISSO E ESPERANÇA



Imagem: Alessandro Biasioli / Adobe Stock

♦ Luciana Francioli* ♦

Há profissões que tocam vidas silenciosamente, entre elas, a de professor, aquele que carrega consigo o poder de transformar o cotidiano em aprendizado, semeando conhecimento que abrirá portas para um futuro repleto de possibilidades.

Dom Bosco dizia que “A educação é obra do coração”, ou seja, ensinar vai muito além de transmitir conteúdos: é tocar vidas, cultivar sonhos e abrir caminhos para o futuro. É ir além do intelecto e das formalidades.



O professor é chamado a semear conhecimento e valores, a inspirar confiança e despertar curiosidade



A educação, assim, torna-se diálogo de coração com coração, uma ponte entre o conhecimento e a esperança. A fé é a força invisível que dá sentido a essa missão.

“A fé sem obras é morta”, diz Tiago (2,17). Podemos, então, refletir que a obra sem fé, sem acreditar no que fazemos e naqueles a quem dedicamos nosso esforço permanece estéril. Ensinar é uma obra do coração, mas só floresce quando feita com fé: fé na missão, fé nos alunos e fé de que cada gesto educativo tem poder de transformação.

Mesmo diante dos desafios atuais, o professor segue consciente de que sua missão ultrapassa o simples transmitir de conteúdos; é, acima de tudo, a crença no potencial humano. É isso que transforma esforços diários em resultados duradouros.

Celebrar o Dia dos Professores é celebrar esse milagre cotidiano, a união do coração e da fé que torna a educação possível. É reconhecer que ensinar é dom, vocação e presente de Deus, capaz de iluminar caminhos e transformar vidas. É agradecer àqueles que, com coragem, ternura e fé, fazem da educação uma verdadeira missão de amor. ●

***Luciana Francioli** é psicopedagoga é formada em Pedagogia, com pós-graduação em Psicopedagogia, atua como Educadora Social em projeto da Congregação do Santíssimo Redentor. Catequista de jovens e crianças, vive sua missão com paixão e dedicação, movida pela fé e pelo poder transformador da educação.

SUA MISERICÓRDIA NÃO SE ESGOTA

♦ Pe. Rivelino Nogueira* ♦

A misericórdia é um tema central na Bíblia, revelando o amor incondicional e a compaixão de Deus pela humanidade. Desde o Antigo Testamento até o Novo Testamento, a misericórdia divina é apresentada como uma característica fundamental do caráter de Deus.

No livro do Êxodo, Deus se revela a Moisés como "Senhor, Deus misericordioso e compassivo, paciente e rico em amor e fidelidade" (Êxodo 34:6). Essa passagem destaca a misericórdia de Deus como uma de suas principais características.

Novo Testamento: Jesus Cristo é a personificação da misericórdia de Deus. Suas parábolas, como a do Filho Pródigo e a do Bom Samaritano, ilustram a compaixão e o amor incondicional de Deus pelos seres humanos.

A Divina Misericórdia

A devoção à Divina Misericórdia foi fortemente inspirada pelas revelações de Jesus a Santa Faustina Kowalska no século XX. Nestas revelações, Jesus enfatiza a importância da confiança em Sua misericórdia e da prática da misericórdia para com os outros.

A misericórdia divina é caracterizada por um amor incondicional e sem limites, oferecendo perdão e salvação a todos. Deus demonstra compaixão pelos seres humanos, especialmente aqueles que estão em necessidade ou sofrimento.

Implicações para a Vida dos Fiéis

Confiança e esperança: A Divina Misericórdia inspira confiança e esperança nos fiéis, lembrando-os do amor incondicional de Deus.

Prática da misericórdia: Os fiéis são chamados a praticar a misericórdia para com os outros, seguindo o exemplo de Jesus Cristo.

A misericórdia que não se acaba é um tema profundamente reconfortante e inspirador. Ao refletir sobre a Divina Misericórdia, podemos aprofundar nossa compreensão do amor incondicional de Deus e ser motivados a viver de acordo com Seus ensinamentos.

A Devoção à Divina Misericórdia: Um Chamado à Misericórdia

Santa Faustina Kowalska, uma freira polonesa do século XX, re-

cebeu revelações significativas de Jesus Cristo, que a chamaram a propagar a devoção à Divina Misericórdia. Essas revelações enfatizam a importância da confiança na misericórdia de Deus e da prática da misericórdia para com os outros.

Revelações a Santa Faustina Visão de Jesus Misericordioso

Santa Faustina relatou ter visto Jesus como o "Misericordioso", com raios de luz emanando de Seu coração. Jesus pediu que Santa Faustina propagasse a devoção à Sua misericórdia e buscasse a salvação das almas.

Mensagem de misericórdia: Jesus enfatizou a importância da confiança em Sua misericórdia e da prática da misericórdia para com os outros. Ele também pediu que Santa Faustina celebrasse a Festa da Misericórdia, no primeiro domingo após a Páscoa.

Trechos do Diário de Santa Faustina Kowalska:

"Abri o Meu Coração como fonte viva de misericórdia; que dela tirem vida todas as almas, que se aproximam desse mar de misericórdia, com grande confian-



ça. Os pecadores alcançarão justificação e os justos serão confirmados no bem”. (Diário, 1520);

“Hoje estou enviando-te a toda a humanidade com a Minha misericórdia. Não quero castigar a sofrida humanidade, mas desejo curá-la, estreitando-a ao Meu misericordioso Coração”. (Diário, 1588);

Vivendo a Devoção à Divina Misericórdia

A devoção à Divina Misericórdia nos chama a ser misericordiosos com os outros, perdoadando aqueles que nos ofendem e ajudando os necessitados. A prática da caridade é fundamental para viver a devoção à Divina Misericórdia. Isso inclui ajudar os pobres, os doentes e os marginalizados.

A devoção à Divina Misericórdia também nos chama a buscar a reconciliação com Deus através da oração, da confissão e da comunhão.

Implicações para a Vida Diária

Transformação pessoal: A devoção à Divina Misericórdia pode transformar nossa vida pessoal, ajudando-nos a ser mais compassivos e misericordiosos com os outros.

Serviço aos outros: A prática da misericórdia nos chama a servir os outros, especialmente aqueles que estão em necessidade.

A devoção à Divina Misericórdia é um chamado à misericórdia que pode transformar nossas vidas e nos ajudar a viver de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo. Ao praticar a misericórdia para com os outros e buscar a reconciliação com Deus, podemos experimentar a paz e a alegria que vêm da confiança na misericórdia divina. ●

***Pe. Rivelino Nogueira** é incardinado na Diocese de Lorena (SP) e Reitor da Basílica Menor Imaculada Conceição de Cruzeiro (SP).

ALAM CARRION



Gratia Plena

A GRANDEZA DA VIRGEM

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Gratia Plena:

A GRANDEZA DA VIRGEM

♦ Alam Garriom* ♦

Ao longo da história da Igreja, incontáveis gerações de fiéis voltaram seus olhos para a Virgem Maria como sinal de ternura, confiança e esperança. O novo livro “*Gratia Plena: A grandeza da Virgem*” nasce desse mesmo desejo: redescobrir Maria como a Mulher cheia da graça de Deus, que continua iluminando a vida da Igreja e conduzindo os cristãos ao coração de Cristo.

O título *Gratia Plena* retoma a saudação do Anjo Gabriel em Nazaré: “Ave, cheia de graça, o Senhor é contigo” (Lc 1,28). A partir dessas palavras, o autor nos conduz por uma reflexão profunda sobre a identidade e a missão de Maria, revelando sua grandeza não como fruto de si mesma, mas como obra do amor divino. Maria é aquela que se esvazia de si para ser totalmente preenchida por Deus; por isso, sua vida é um ícone da santidade à qual todos somos chamados.

O livro tem caráter catequético e procura responder, de forma clara e fundamentada, a muitos dos questionamentos que ainda surgem em torno dos dogmas marianos — maternidade divina, virgindade perpétua, Imaculada Conceição e Assunção ao Céu. Ao explicar a fé da Igreja, a obra oferece ao leitor um caminho de

compreensão e aprofundamento espiritual, fortalecendo a devoção e desfazendo mal-entendidos comuns sobre a Mãe de Deus.

Mais do que um tratado doutrinal, *Gratia Plena* apresenta Maria como modelo para a vida cristã de hoje. Em um mundo marcado por crises, guerras e desesperança, sua presença revela-se atualíssima: mãe de ternura, mestra de perseverança e estrela que aponta sempre para Cristo.

Assim, este lançamento da Editora Ave-Maria é um verdadeiro convite: levar a Santíssima Virgem Maria para dentro de nossas casas, como fez o discípulo amado aos pés da Cruz. Amar Maria é deixar-se conduzir por ela até Jesus.

Gratia Plena: A grandeza da Virgem é, portanto, uma oportunidade preciosa de contemplar com novo olhar a grandeza daquela que é “bendita entre as mulheres” e “cheia de graça”, fortalecendo nossa fé com conhecimento, clareza e devoção. ●

***Alam Garriom** é jornalista, catequista e evangelizador digital. Desde jovem percebeu que, para viver bem a fé, era preciso estudar — e dessa busca nasceu seu apostolado na internet, seguido por milhares de pessoas. Seu trabalho é dedicado a descomplicar o catolicismo e ajudar os fiéis a viverem com profundidade sua fé. É marido da Ticy e pai da Teresa e do Pedro.

**“IDE E PREGAI O EVANGELHO A
TODA CRIATURA” (MC 16,15):**

A MISSÃO DE EVANGELIZAR NO CORAÇÃO DO MUNDO

♦ Nayá Fernandes ♦



Imagem: Arquivo Pessoal

A missão da Igreja Católica é, desde os primeiros seguidores de Jesus, um movimento contínuo de saída: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Esse mandato de Jesus não é apenas um chamado para os primeiros discípulos, mas ecoa até hoje no coração de cada batizado. A Igreja, por sua própria natureza, é missionária e essa missão não se limita aos grandes deslocamentos geográficos, mas se realiza de modo profundo no cotidiano, nas periferias humanas, nas famílias e nos corações de todos os que se colocam a serviço do Evangelho.

Em diferentes contextos temos testemunhos de pessoas que, embora vivendo de modos distintos a vocações, lugares e histórias, compartilham o mesmo ardor: anunciar a Palavra de Deus. Uma religiosa, um sacerdote missionário e um jovem voluntário revelam como vivem o espírito missionário da Igreja em suas realidades.



Imagem: Arquivo Pessoal

Irmã Ilanyr Felipe Costa.

A MÍSTICA DO ENCONTRO: A MISSÃO NO SEIO DO POVO

Irmã Ilanyr Felipe Costa, natural de Capistrano (CE), pertence à Congregação das Filhas de São Paulo, conhecidas como irmãs paulinas, cuja vocação é anunciar Jesus Cristo por meio da comunicação. Com formação sólida em Teologia e Comunicação, ela sintetiza o ser missionário como um “constante sair de si”. Desde seu primeiro envio à Amazônia, ela compreendeu que evangelizar é mergulhar na realidade do povo, sentir suas dores, alegrar-se com suas vitórias e partilhar esperanças.

“Recordo com muito amor que a primeira comunidade enviada após fazer meus primeiros votos religiosos foi Porto Velho (RO)”, afirma. Ali, entre visitas a presídios, universidades, comunidades ribeirinhas e atuação na Livraria Paulinas, Irmã Ilanyr foi marcando sua trajetória missionária. Um episódio de forte impacto foi quando contraiu dengue e malária durante uma missão: “Ser missionário exige ser com o povo e nesse sentir corremos o risco de sofrer também suas dores físicas”.

A missão não é apenas geográfica. Para Irmã Ilanyr, viver a missão é um dinamismo constante, inclusive nos meios digitais. Quando assumiu a tarefa de criar cursos de educação a distância (EAD) para catequistas, ela viu ali uma nova forma de tornar presente o Evangelho: “A dinâmica muda 100%, mas eu procurava tornar aquele curso uma ‘educação sem distância’”.

Sua vocação também a levou para uma missão mais silenciosa, porém, profunda: o cuidado com a família. Durante o adoecimento e falecimento de seu pai, ela viveu o que chama de “Igreja doméstica”, onde o amor cristão é encarnado no cuidado diário: “Foi uma missão que me fez compreender o que os primeiros cristãos viveram em suas casas”.

Mais recentemente, Irmã Ilanyr foi enviada para Portugal. Ainda se adaptando à nova cultura, ela expressa a vulnerabilidade que a missão impõe: “A sensação que tenho é de que tudo que eu sabia, já não sei mais. É um novo sair de si, com novos desafios. Se puderem, rezem por mim”.

Com profunda espiritualidade e inspiração no apóstolo Paulo, ela conclui com uma frase de seu fundador, o Bem-aventurado Tiago Alberione: “O

apóstolo é aquele que tem Deus em seu coração e o irradia ao redor de si”.

ARSENAL DE ESPERANÇA: A MISSÃO DE ACOLHER O MUNDO DENTRO DE SI

Turim, Itália. Uma antiga fábrica de armas é transformada em espaço de paz. Esse é o berço da vocação missionária do Padre Simone Bernardi, sacerdote da Comunidade Serviço Missionário Jovens (SERMIG) – Fraternidade da Esperança. Desde 2005, ele está no Brasil, onde atua no Arsenal da Esperança, em São Paulo (SP), casa que acolhe diariamente mais de 1.200 homens em situação de rua.

Para Padre Simone missão é acolher o mundo dentro de si: “Não é atravessar o mundo, mas deixar que ele entre em nossos corações. Essa foi minha academia para a missão”.

O trabalho é exigente, o contato com o sofrimento humano é constante: “Cada um que chega aqui tem um mundo dentro de si. A maioria das pessoas divide o mundo entre preto e branco, mas o desafio do missionário é não parar de amar a realidade, mesmo quando ela é dura, injusta, caótica”.



Imagem: Arquivo Pessoal

Padre Simone Bernardi.

Sua vida não é marcada apenas por números, mas por nomes, rostos e histórias. Com emoção, conta sobre Luciano, um ex-acolhido no Arsenal que voltou para agradecer: “Não é algo que acontece sempre e nem precisa acontecer, mas, quando acontece é como uma carícia de Deus, um sinal de que vale a pena continuar”.

Padre Simone também carrega consigo as histórias e referências de missionários que o inspiraram, desde senhoras que vendiam bolos para ajudar missões até Ana Helena Tonelli, que escondia uma hóstia consagrada em terras muçulmanas: “O coração missionário não depende da distância que percorremos, mas da capacidade de amar onde estamos”.

Na espiritualidade do missionário, ele sublinha a importância da presença: “Não é passar o dia de joelhos, mas viver diante do Senhor. Cada encontro com o outro é um lugar de revelação divina”.

JUVENTUDE EM AÇÃO: O DESPERTAR DE UMA VOCAÇÃO NO VOLUNTARIADO

Com apenas 17 anos, Enrico Colarullo Couto já compreende o valor do serviço e da solidariedade. Convidado por um colega de escola, começou a frequentar o Arsenal da Esperança, participando de atividades como teatro e escuta ativa com os acolhidos.

“Eu sempre gostei muito de voluntariado. Ser ajudado é muito bom, mas ajudar é melhor”, diz com simplicidade e maturidade. Ainda em idade escolar, Enrico percebeu a potência do encontro: “Só a nossa presença já faz diferença”.

Apesar dos desafios, como o trajeto longo até o local da missão, Enrico continua firme. Inspirado por histórias como a de um jovem palestino que atravessou o oceano em busca de paz, ele compreende o que é resiliência e coragem: “Essa história me motiva a continuar. Vejo que a fé nas pessoas é algo transformador”.

Mesmo não se identificando com uma religião específica, ele reconhece a espiritualidade que permeia o serviço: “Tenho fé na humanidade. Mesmo diante de tanta dor, acredito no bem”.

A vocação missionária de Enrico tem raízes profundas. Desde pequeno, sua família o ensinou a partilhar: “Com 7 anos, íamos ajudar pessoas

em situação de rua no inverno. Fazíamos comida, comprávamos cobertores, mas o mais importante era conversar com as pessoas. Hoje, vejo quanto isso era valioso”.

A história de Enrico revela que o coração missionário pode florescer cedo e que a juventude, quando bem orientada, é uma força poderosa para a evangelização.

MISSÃO: UMA IGREJA EM SAÍDA, UMA FÉ QUE SE TORNA PRESENÇA

Nos testemunhos de Irmã Ilanyr, Padre Simone e Enrico fica evidente que a missão é uma experiência multifacetada: pode ser vivida nos confins da Amazônia, no centro urbano de São Paulo ou no coração de um jovem estudante, mas, em todos os casos, a essência é a mesma: responder ao chamado de Jesus com generosidade, coragem e amor. O Papa Francisco sempre insistiu na necessidade de

uma “Igreja em saída”, que não se acomoda, mas se arrisca. Uma Igreja que ultrapassa os muros do templo e vai ao encontro das dores do mundo. Essa missão não é privilégio de religiosos ou clérigos; os leigos, sobretudo, têm um papel insubstituível. A presença, o exemplo, a escuta e a ação concreta são formas reais de evangelização.

A vocação missionária se revela, assim, como um sopro do Espírito que impele cada cristão a sair de si, a viver a fé em forma de serviço e a anunciar a Boa-Nova com palavras, gestos e escolhas onde quer que se encontrem.

“A missão é o oxigênio da vida cristã, que sem ela adoece e murcha”, disse o Papa Francisco na manhã de 11 de maio de 2023, quando recebeu membros da Conferência dos Institutos Missionários da Itália (CIMI) e os exortou a não deixar de alimentar sua vida e seu apostolado com a Palavra de Deus, a Eucaristia e a oração.●



Imagem: Arquivo Pessoal

Missão na 6ª Semana Social Brasileira - CNBB.

◆ Fabiano Fachini* ◆

de forma simples, adaptando sua mensagem para a realidade do seu “público” por meio das parábolas; sua comunicação gerava relacionamento e Ele se tornava próximo das mulheres, das crianças, dos órfãos, dos pobres, dos doentes... Jesus anunciava o Reino de Deus por meio das palavras e de seu exemplo.

Para evangelizar, precisamos nos relacionar com as pessoas e ser testemunhos vivos do Evangelho por meio de nossas palavras e ações.

E você, já evangelizou hoje?●

***Fabiano Fachini** é formado em Comunicação Social-Jornalismo e possui MBA em *Marketing*. Realiza palestras e *workshops* pelo Brasil sobre comunicação e redes sociais na Igreja. Em seu *Instagram*, reúne comunicadores interessados em conteúdo e estratégia para a gestão de mídias digitais.

Imagem: Gerada pelo Google Gemini IA

PERDOAI-NOS, SENHOR

♦ Pe. Rivelino Nogueira* ♦

“**P**erdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” é uma frase da oração do Pai-Nosso, que se encontra em Mateus 6,12. A frase significa que a oferta de perdão de Deus está relacionada com a vontade de perdoar os outros. Para os cristãos, perdoar os outros não é uma opção, mas um mandamento: “Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta” (Mt 5,23.24).

O perdão brota do amor de Deus e a necessidade de perdoar vem do amor dele e não do merecimento humano.

A FALTA DE PERDÃO É UMA PRISÃO

Quem não perdoa está preso. A falta de perdão tem sido forte motivo de paralisia espiritual, imaturidade emocional e desenvolvimento de doenças físicas e emocionais. Existem pessoas que ficam presas no cativeiro da falta de perdão, sendo atormentadas em suas vidas durante anos.

Muita gente tem sofrido com a falta de perdão. Outro dia, ouvi alguém dizendo que ressentimento é o mesmo que você tomar diariamente um pouco de veneno, esperando que quem o magoou venha a morrer. A falta de perdão produz dano maior em quem está ferido do que naquele que feriu. A ausência do perdão está diretamente ligada à

saúde física, mental e emocional. A Sociedade de Cardiologia de São Paulo recentemente levantou essa questão, apresentando uma pesquisa com 65 pacientes sem histórico de doença cardiovascular e 65 que infartaram. Foi mostrado que existe uma relação entre não perdoar e a ocorrência de infarto agudo do miocárdio. Foram dois quesitos, “quebra de confiança” e “rejeição/desprezo”. No primeiro, a maioria, 65% dos que tiveram infarto não estavam dispostos a perdoar. Esse número foi de 35% no outro grupo. No segundo quesito, 54% dos que infartaram perdoariam, já entre os que não tiveram infarto o percentual subia para 72%.

Carregar consigo ressentimentos e dores que as relações humanas nos expõem pode gerar um peso paralisador.

A partir das últimas décadas, as pesquisas sobre o perdão e seu impacto na saúde das pessoas vêm se ampliando; há, inclusive, relação entre os ressentimentos e o aparecimento de doenças físicas e mentais. As amarguras e a presença do rancor podem gerar efeitos psicossomáticos no corpo, traduzindo essas dores emocionais em patologias como depressão, ansiedade, gastrite nervosa, hipertensão, obesidade, entre outras.

Por meio do perdão é possível deixar para trás a dor e o ressentimento provocados por uma mágoa. É uma maneira de se libertar da lembrança de um acontecimento ruim para que ela não afete mais a sua vida. O perdão é necessário para muitos processos de cura de traumas e desapego do passado.



O QUE A FALTA DE PERDÃO PODE PROVOCAR?

Amargura, tristeza, raiva e baixa autoestima. Com o tempo, você pode passar a deixar ressentidas todas as pessoas à sua volta e não apenas quem lhe causou mal. Problemas de saúde mental como ansiedade e depressão. O medo, a amargura, os conflitos internos e o ressentimento podem dificultar a manutenção de relacionamentos saudáveis. Apego ao passado.

RESILIÊNCIA

Aprender a perdoar ajuda a desenvolver a resiliência. Essa competência emocional está relacionada à capacidade de passar por situações estressantes sem sucumbir a seus efeitos negativos.

Quando não sabe lidar com uma adversidade, a pessoa resiliente procura ferramentas para ajudá-la a passar por isso, como, por exemplo, a psicoterapia.

EMPATIA

O ato de perdoar também desenvolve a empatia, a competência emocional que envolve a compreensão das perspectivas e emoções do outro. Quando você se dispõe a perdoar alguém, precisa se colocar no lugar dessa pessoa primeiro.

COMO PRATICAR O PERDÃO?

Praticar o perdão envolve uma série de passos que, muitas vezes, são desconfortáveis. Dependendo da situação, pode ser muito doloroso revisitar lembranças e tentar encontrar razões para perdoar quem lhe causou mal. Acima de tudo, tenha compaixão por você ao iniciar essa jornada. ●

***Padre Rivelino Nogueira** é padre diocesano incardinado na Diocese de Lorena (SP) e pároco da Paróquia Imaculada Conceição de Cruzeiro (SP).

Imagem: Marro / Adobe Stock



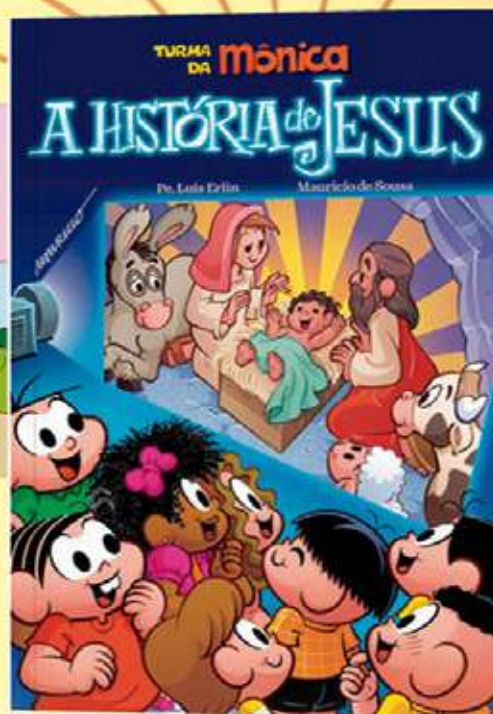
Qual a missão dos anjos? De onde eles vêm e qual a sua relação com os seres humanos? Esses questionamentos são abordados no novo lançamento da Editora Ave-Maria, “Sempre me guarde”.

Nesta obra, Rogério Bellini explora a devoção aos Santos Anjos e entrega aos catequistas um recurso valioso para aprofundar os conhecimentos sobre eles.

Com este livro, suas catequese serão dinâmicas, lúdicas e de muito aprendizado!

COMPRA AGORA EM: **AVEMARIA.COM.BR**

O PRESENTE PERFEITO PARA O DIA DAS CRIANÇAS!



Neste Dia das Crianças, presenteie os pequenos com os livros da Turma da Mônica que ensinam valores por meio de temas religiosos. Assim, as crianças aprendem enquanto se divertem!

Acesse o site avemaria.com.br
e nossas redes sociais para
saber mais!



AM
EDITORA
AVE-MARIA

A MISSÃO QUE MORA NO *cotidiana*

“Sede santos, como o vosso Pai celeste é santo.”
(Mt 5,48)

“O Deus que me criou me quis, me consagrou
para anunciar o seu amor.
O Deus que me criou me quis, me consagrou
para anunciar o seu amor.”
(Zé Vicente)

♦ Pe. Diego Lelis, cmf ♦

Omês de outubro, na vida da Igreja, é um convite a reacender o fogo da missão. Para muitos, “missão” ainda é palavra que evoca partidas longas, mapas distantes, línguas estrangeiras e culturas desconhecidas. É verdade que a missão ad gentes, que leva o Evangelho a terras onde Cristo ainda não foi anunciado, é um dom precioso e necessário, no entanto, a revelação bíblica e a tradição viva da Igreja nos recordam que a missão é, antes de tudo, essência do ser cristão e, portanto, ela começa no cotidiano, no lugar onde Deus nos planta.

O Concílio Vaticano II, no Decreto *Ad Gentes* e na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, recorda que todo batizado é chamado a ser discípulo-missionário. Não existe cristão sem missão. Não se trata de um “a mais” na vida de fé, mas da própria identidade recebida no Batismo. Ao mergulharmos nas águas batismais somos enxertados em Cristo e participamos de sua tríplice missão – profética, sacerdotal e régia –, por isso, onde quer que vivamos somos enviados.

Ser “sal da terra e luz do mundo” (Mt 5,13-14) não é metáfora decorativa, é vocação concreta. O sal, na Antiguidade, conservava os alimentos e dava sabor, assim a presença cristã deve preservar os valores do Reino e dar sentido ao mundo, mesmo que, muitas vezes, isso ocorra discretamente. A luz, por sua vez, não brilha para si mesma, mas para dissipar as trevas e assim a vida de um discípulo deve ser sinal que aponta para Deus, iluminando o caminho dos outros.

Jesus não nos chama apenas a “fazer” missões, mas a “ser” missionários, de tal forma que cada gesto, cada palavra e cada silêncio carregue a marca do Evangelho. Essa missão se cumpre principalmente pelo testemunho. São Francisco de Assis nos lembra: “Evangelizai sempre; se necessário, também com palavras”. O anúncio explícito é fundamental, mas perde a força se não for sustentado pela coerência de vida.

A santidade é o chão onde a missão se constrói. “Sede santos, como o vosso Pai celeste é santo” (Mt 5,48) é um imperativo que une intimamente



missão e santidade. O Papa Francisco, na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, afirma que a santidade não se resume a gestos heroicos ou à vida em terras distantes, mas floresce na existência comum: no cuidado com a família, na honestidade no trabalho, na ternura diante de quem sofre, na paciência diante das cruzes diárias. É aí, no escondimento do dia a dia, que se cumpre o maior ato missionário: viver segundo o coração de Deus.

Evangelizar pelo exemplo significa fazer de cada espaço um lugar de encontro com Cristo. É transformar a casa em Igreja doméstica, o trabalho em campo de serviço, a rua em espaço de cuidado fraterno. É perceber que o “ide por todo o mundo” (Mc 16,15) começa na soleira da porta de casa. A missão não é algo que aguardamos para fazer um dia, é o que somos chamados a viver a cada instante, pois “ai de mim se eu não anunciar o Evangelho” (1Cor 9,16).

Outubro, Mês das Missões, recorda-nos que Deus não chama apenas alguns para enviar, Ele envia todos. O verdadeiro missionário é aquele que, unido a Cristo e sustentado pela Eucaristia, faz da própria vida um prolongamento do amor do Pai no mundo.

Missão não é fardo, é graça. Não é peso, é alegria. É a certeza de que onde há um batizado que vive com amor, aí o Evangelho já é pregado e o Reino de Deus, silenciosamente, acontece.●

O legado de São **Francisco:** *conheça as ordens franciscanas e como cada uma vive o ser franciscano*

NOS OITOCENTOS ANOS DO CÂNTICO
DAS CRIATURAS, CINCO FRANCISCANOS
FALAM DO LEGADO DE SÃO FRANCISCO
DE ASSIS, O PADROEIRO DA ECOLOGIA

NO SÉCULO XIII, O SANTO ITALIANO FUNDOU
TRÊS ORDENS: UMA PARA FRADES, OUTRA PARA
RELIGIOSAS E UMA TERCEIRA PARA LEIGOS

♦ André Bernardo ♦

Quando criança, Frei Gabriel Dellandrea frequentou a Paróquia São Francisco de Assis em Rodeio (SC), cidade onde nasceu, a 195 quilômetros de Florianópolis (SC). Ainda garoto, estudou na Escola Municipal de São Francisco. Por essas e outras, admite, brincalhão, que não teve dúvida na hora de escolher sua vocação religiosa: “Nasci em um lar franciscano. Minha avó, Anna, é da Ordem Franciscana Secular (OFS) e meu irmão mais velho, Daniel, da Ordem dos Frades Menores (OFM). Não fui eu que escolhi ser franciscano, foi Francisco de Assis quem me escolheu”, afirma o frade, hoje com 30 anos.



Imagem: José Benlure y Gil / commons.wikimedia.org

“O principal legado de São Francisco não é o de ter fundado uma ordem, nem o de ser o padroeiro da ecologia, tampouco o de buscar a caridade para os mais necessitados. Seu principal legado é o de imitar Jesus, isto é, viver como o Filho de Deus viveu, o único e verdadeiro Amor a ser amado”.

Frei Gabriel Dellandrea é um dos 12.127 religiosos da Ordem dos Frades Menores (OFM) espalhados em 119 países. A Ordem é apenas uma das fundadas por São Francisco de Assis. Ao todo, o santo italiano fundou três: a primeira ordem, a dos Frades Menores, em 1209; a segunda, das Clarissas (OSC), em 1212; e a terceira, a Ordem Franciscana Secular (OFS), em 1221. Quem explica melhor é Helmir José Soares da Silva, ministro nacional da Ordem Franciscana Secular do Brasil: “A primeira ordem é composta por homens consagrados, conhecidos como frades, que fazem votos de pobreza, obediência e castidade. A segunda é voltada para a vida contemplativa: as irmãs fazem votos e vivem em mosteiros, em clausura. A terceira é



Frei Gabriel Dellandrea.



Imagem: Arquivo Pessoal

Helmir José Soares da Silva.

destinada a leigos e padres diocesanos que vivem no mundo, mas desejam seguir o Evangelho no espírito franciscano”.

Diferentemente da primeira e da segunda ordem, a terceira não exige que seus membros abandonem famílias ou profissões para viver em conventos ou mosteiros. Pernambucano de Caruaru, a 130 quilômetros do Recife (PE), Helmir tem 54 anos de idade, vinte de casado e trabalha como vendedor. Os franciscanos seculares podem casar, ter filhos e seguir suas carreiras, mas se comprometem a viver a fé com espírito de penitência, serviço e fraternidade. Além de casados, podem ser solteiros ou viúvos. Atualmente, o Brasil tem 10.143 irmãos e irmãs professos, 940 formandos(as) e 964 iniciantes. “São Francisco de Assis viveu o Evangelho radicalmente. Renunciou à riqueza para viver entre os pobres. É um dos santos mais queridos da Igreja Católica porque sua vida reflete com coerência sua pregação: simplicidade, alegria e compromisso com a paz e a justiça. Sua mensagem continua atual”, diz Helmir José.

O MAIS BONITO DOS PLANETAS

Se a Ordem dos Frades Menores é masculina e a Ordem Franciscana Secular, mista, a Ordem das Clarissas, também conhecida como Ordem de Santa Clara, é feminina. Foi fundada por Santa Clara, sob a inspiração de São Francisco. A exemplo de Francisco, Clara Offreduccio, nome de Batismo de

Santa Clara, também nasceu em Assis, na Itália. Nascida em 1194, consagrou-se em 1212, aos 18 anos. Um mês depois, Inês, sua irmã, seguiu seus passos. Quando seu pai morreu foi a vez de sua mãe ingressar na ordem. “Em geral, dividimos as congregações religiosas em congregações de vida ativa e contemplativa, mas isso não quer dizer que uma exclui a outra”, pondera a Irmã Vanessa Garrido, de 36 anos, que continua: “Dentro de um mosteiro, trabalha-se muito e, fora dele, também buscamos uma vida de oração e contemplação, caso contrário, nossa ação pastoral não seria fecunda”.

Irmã Vanessa faz parte da Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição. Na caminhada franciscana há dezoito anos, completará dez de votos perpétuos em 2026. No Brasil, a congregação está presente em três estados: Minas Gerais, São Paulo e Santa Catarina. No exterior, em cinco países: Áustria, França, Eslovênia, Montenegro e África do Sul. Foi na Áustria que nasceu a fundadora, Madre Francisca Lampel. “O grande diferencial do carisma franciscano é apontar para o Cristo crucificado, aquele que foi e é capaz de dar a vida para salvar os pequenos e esquecidos. É no pobre que Deus se revela”, afirma Irmã Vanessa, que prossegue: “São Francisco é um santo que, ainda

hoje, questiona-nos. Em tempos de COP30 [a 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas], chama nossa atenção para questões ambientais urgentes. Precisamos cuidar melhor de nossa casa comum. Não cuidamos dela como deveríamos”.

O HÁBITO FAZ O MONJE

Se, no século XIII, São Francisco fundou três ordens, no século XVI a primeira delas, a Ordem



Irmã Vanessa Garrido.

dos Frades Menores, passou por reformas. É o que explica Frei Ricardo da Cruz, de 32 anos. A primeira delas ocorreu em 1517, sob o papado de Leão X. Naquele ano, a ordem foi subdividida em dois grupos: o dos frades da comunidade, a Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFMConv), e o dos frades da estrita observância, a Ordem dos Frades Menores Observantes (OFMObs). A segunda reforma se deu em 1528, sob o pontificado de Clemente VII. Naquela ocasião, surgiu um terceiro grupo: a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFMCap). São adeptos da pobreza radical, da oração contemplativa e da vida missionária. Em 1897, o Papa Leão XII retirou o termo observante e formalizou a primeira ordem em três: Ordem dos Frades Menores, Ordem dos Frades Menores Conventuais e Ordem dos Frades Menores Capuchinhos.



Frei Ricardo da Cruz.

Nascido no Rio de Janeiro (RJ) e criado em São Gonçalo (RJ), Frei Ricardo da Cruz pertence à Custódia Provincial Imaculada Conceição e reside no Convento Santo Antônio dos Pobres, que fica na cidade de Paraíba do Sul (RJ), a 138 quilômetros da capital. Segundo ele, as duas reformas promoveram pequenos ajustes nas cores das vestes (chamadas de talares, porque vão até o calcanhar) e no modelo de capuz. No caso da Ordem dos Frades Menores e da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, a cor do hábito é marrom; já no da Ordem dos Frades Menores Conventuais, é cinza. “Há relatos de que os primeiros frades franciscanos, também conhecidos como os Penitentes de Assis, usavam o hábito na cor cinza”, observa Frei Ricardo, que é frade conventual. Já o capuz é separado da túnica tanto na Ordem dos Frades Menores quanto na Ordem dos Frades Menores Conventuais; na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, ao contrário, é costurado nela. Outro detalhe interessante: o capuz do hábito de frades conventuais e capuchinhos é mais longo que o dos frades menores.

AMOR SEM MEDIDA

“Três ramos que brotaram de um mesmo tronco”: É assim que o Frei Gilberto Costa, de 26 anos, refere-se aos três ramos que brotaram da Primeira Ordem de São Francisco de Assis. Seja qual for o ramo, prossegue o frade, a família franciscana tem no cuidado com os pobres seu traço primordial. Não por acaso, a conversão de Francisco aconteceu durante o seu encontro com um leproso, em 1206. “O que antes era amargo se converteu em doçura”, declarou o santo italiano. “Não seria possível permanecer fiel às nossas raízes sem cultivar nossa presença entre os últimos”, afirma Frei Gilberto. “Não se trata de dizer qual dos três ramos é ‘o mais pastoral’, mas de reconhecer que todos eles procuram servir a Cristo nos pobres e nos excluídos. O que mais me encanta no carisma franciscano é o seu ideal de fraternidade. Apesar de nossas diferenças pessoais somos capazes de sentar todos à mesma mesa”, conclui o frei.

Neste ano são comemorados os oito séculos do Cântico das Criaturas. O poema foi composto no outono de 1225 por um São Francisco quase cego e bastante debilitado. “Louvado sejas, meu Senhor/ Por nossa irmã, a morte corporal/ Da qual homem algum

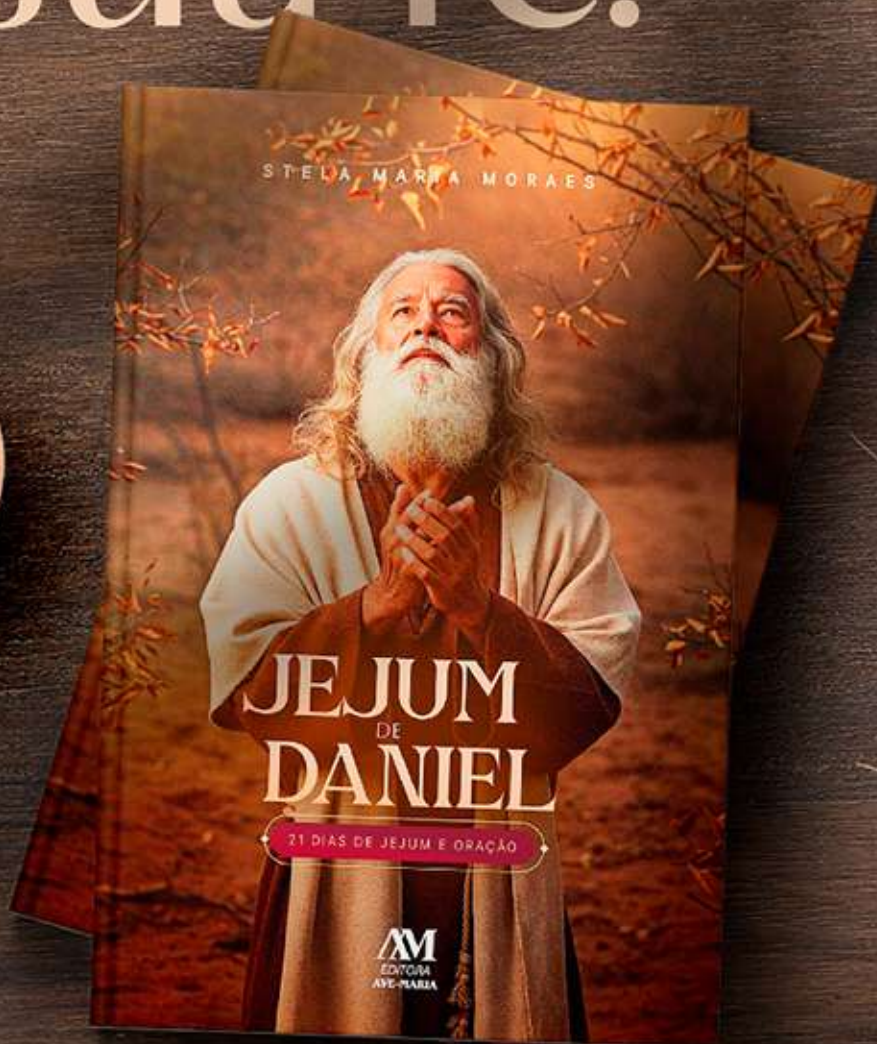
pode escapar”, diz um de seus versos. No ano que vem serão festejados os oitocentos anos da Páscoa de São Francisco. Ele morreu no dia 3 de outubro de 1226, aos 44 anos. “São Francisco é muito mais do que o santo dos animais. Para ele, o homem tem mais dignidade do que todas as criaturas, porque foi feito à imagem e semelhança de Deus”, afirma Frei Ricardo da Cruz, que complementa: “Francisco teve um encontro pessoal com Cristo no presépio, na cruz e na Eucaristia. Nosso Deus se revela como o servo que é capaz de amar sem medida a ponto de entregar a própria vida. A espiritualidade franciscana nos convida a nos transformar, hoje e sempre, em outros Cristos”. ●



Imagem: Arquivo Pessoal

Frei Gilberto Costa.

Uma jornada de
purificação e
fortalecimento
da **sua fé.**



Apresentamos o novo livro de Stela Maria
Moraes, um retiro de 21 dias de oração!

Adquira em: avemaria.com.br

AM
EDITORA
AVE-MARIA

SANTUÁRIO FREI GALVÃO, EM GUARATINGUETÁ (SP)

◆ Assessoria do Santuário ◆

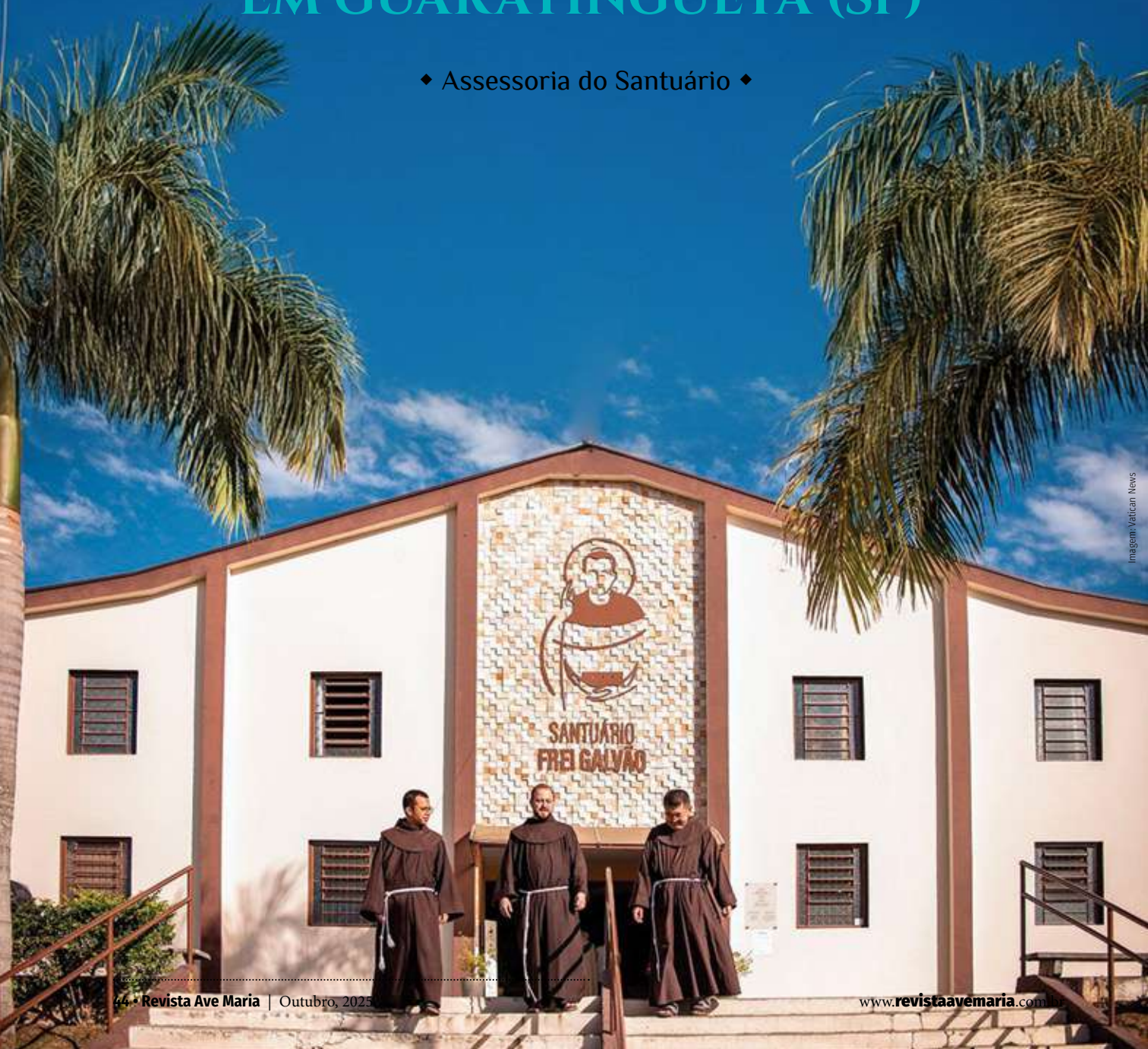


Imagem: Vatican News

No dia 12 de outubro de 1983, no bairro Jardim do Vale, em Guaratinguetá (SP), foi celebrada a primeira Missa no local onde seria construída a igreja dedicada a Frei Galvão. As pessoas foram acomodadas em uma antiga casa e o Padre Victor Menueti, então pároco da Paróquia de São Pedro Apóstolo, foi o presidente da celebração.

Com essa primeira celebração foi inaugurada a Capela São José e a comunidade continuou trabalhando para a construção dela. O terreno, no entanto, não pertencia à Igreja e durante muito tempo tentou-se comprá-lo, sem sucesso. Com bom coração e caridade, a família Galvão, dona do terreno, dispôs-se a doá-lo à Arquidiocese de Aparecida (SP) com a finalidade de construir-se no local uma igreja dedicada a São José. O contrato foi assinado no dia 1º de setembro de 1987, quando a família Galvão foi representada pelo senhor Edson José Galvão Nogueira.

No início dos anos 1990, com a ida do Padre Nelson Ferreira Lopes para a Paróquia Nossa Senhora de Fátima, iniciou-se a construção da igreja dedicada a São José. Nesse período foram construídas as paredes dela. Em 1996 chegava à paróquia o Padre Anísio Teixeira, que daria continuidade ao trabalho, mas, com a beatificação de Frei Galvão, a obra foi paralisada para adequação do projeto.

Com plena aceitação da comunidade de São José, a igreja passou a ser chamada de Beato Frei Galvão e foram finalizadas as obras de construção. Ela pas-

sou a ser a primeira igreja dedicada ao beato brasileiro, nascido em Guaratinguetá, que depois se tornou santo.

SANTUÁRIO FREI GALVÃO

O cardeal arcebispo de Aparecida, Dom Raymundo Damasceno Assis, constituiu canonicamente em dezembro de 2010 o Santuário de Santo Antônio de Sant'Anna Galvão. O decreto foi assinado no dia 8, data da Solemnidade da Imaculada Conceição.

Segundo Dom Damasceno, a criação do santuário foi o primeiro passo para separar a Igreja de Frei Galvão da Paróquia Nossa Senhora de Fátima: “Como santuário podemos dar uma estrutura melhor para os devotos que visitam a igreja. E também será mais fácil fazer um planejamento mais global para o santuário”. Com a criação do santuário foi nomeado um reitor para cuidar dos trabalhos, o Padre Roberto Lourenço da Silva.

CHEGADA DOS FRANCISCANOS

A Província Franciscana da Imaculada Conceição escreveu, no dia 11 de abril de 2021, mais um capítulo na sua história de 345 anos. Os frades franciscanos assumiram o Santuário Frei Galvão, em Guaratinguetá, a terra do santo frade franciscano. Esse momento histórico marcou a posse dos frades com a assinatura do convênio, com duração de trinta anos, pelo ministro provincial Frei César Kulkamp e pelo arcebispo Dom Orlando Brandes, representando a Arquidiocese de Aparecida. ●

Rogai por nós,
Santa Mãe de Deus!

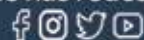


16x23 cm - 168 págs.

Este livro traz uma coleção de salmos escritos especialmente em louvor à Santíssima Virgem Mãe de Jesus e nossa. Através das palavras de São Boaventura, teólogo e Doutor da Igreja, cada um dos 150 salmos dessa obra, levam o leitor a ter um profundo amor e confiança em Nossa Senhora, e com ela, caminhar ao encontro com o Senhor.

AM
EDITORA
AVE-MARIA

Siga-nos nas redes sociais:



Na livraria católica mais próxima de você
ou em: www.avemaria.com.br



PALAVRA DO PAPA

O amor, centro da vocação e da vida missionária

♦ Da Redação ♦

Durante o encontro com os agostinianos reunidos em capítulo-geral, o Papa Leão XIV destacou que a vocação e a missão só podem nascer e permanecer vivas quando têm o amor como centro. Inspirando-se em Santo Agostinho, recordou: “Amem aquilo que serão”.

Na questão formativa, explicou que esse período não deve ser entendido como um conjunto de regras ou tarefas a cumprir, nem como um hábito pronto para vestir, mas como uma aventura espiritual de amor com Deus. É esse amor que atrai, que dá sentido ao chamado e que sustenta o caminho de quem se consagra.

A vocação cristã, sobretudo a religiosa, floresce quando o coração descobre algo maior que o simples dever: nasce do encontro com um amor que nutre e sacia, por isso, o mais importante é ajudar, especialmente os jovens, a reconhecerem a beleza desse chamado e a amarem aquilo que podem vir a ser ao abraçá-lo.

Também a missão se enraíza nesse amor. Servir, educar, anunciar, cuidar dos pobres, tudo isso só encontra sua força verdadeira quando nasce da experiência de um coração apaixonado por Deus. É esse espírito missionário, alimentado pelo amor, que não pode se apagar. ●

INTENÇÕES DE ORAÇÃO DO SANTO PADRE CONFIADAS À SUA REDE MUNDIAL DE ORAÇÃO

**Pela colaboração entre as
distintas tradições religiosas**

*Rezemos para que os crentes das
diferentes tradições religiosas
trabalhem juntos para defender
e promover a paz, a justiça e
a fraternidade humana.*



Imagem: Vatican News / Vatican Media

PSICOPEDAGOGIA CATEQUÉTICA NA JUVENTUDE

♦ Jeciando Pessoa* ♦



O itinerário catequético com jovens precisa trabalhar principalmente o campo vocacional e o crescimento permanente na vida de fé. Toda a linguagem da catequese precisa fazer compreender que não se faz catequese com apenas o objetivo de receber o Sacramento, pelo contrário, a iniciação à vida cristã requer adesão a Cristo e à sua Igreja. Isso implica uma participação ativa na comunidade, lugar de crescimento da fé, por isso é tão necessário compreender o “mundo do jovem”.

Os autores Padre Eduardo Calandro e Jordélio Siles, na obra *Psicopedagogia catequética: reflexões e vivências para a catequese conforme as idades – Volume 2: adolescentes e jovens*, explicam: “O início da fase da juventude é marcada por mudanças psíquicas a respeito das relações sociais, da atenção ao próprio corpo, da descoberta de si, ampliação do campo cognitivo, da afirmação da própria identidade” (p. 37). A partir dessa abordagem fica evidente que tais transformações não são apenas a maneira como o jovem se percebe, mas também como se relaciona com o mundo ao seu redor. Trata-se de um tempo de transição, em que as relações sociais ganham novo sentido e intensidade. O jovem começa a buscar reconhecimento no grupo de amigos, valoriza mais a opinião dos pares e passa a enxergar-se como parte de uma rede maior de relações. Essa nova percepção, embora enriquecedora, pode também gerar inseguranças, já que o desejo de aceitação convive com a necessidade de afirmar a própria identidade.

Outro aspecto marcante dessa fase é a atenção ao próprio corpo. O jovem descobre as mudanças físicas que o marcam e aprende a lidar com as novidades da puberdade e da adolescência tardia. Essa atenção, por vezes excessiva, pode gerar preocupações com a aparência, mas também abre caminho para o cuidado consigo. É nesse momento que o corpo deixa de ser visto apenas como uma dimensão biológica e passa a ser expressão de identidade, comunicação e até de espiritualidade, daí a necessidade de uma boa formação doutrinal e moral (cf. *Diretório para catequese*, 253).

No campo interior a juventude é tempo privilegiado de descoberta de si. Surge um movimento

natural de autoconhecimento, no qual o jovem busca compreender quem é, quais são seus dons, limites e aspirações. Esse processo é essencial para a formação de uma identidade sólida, mas nem sempre é simples: pode envolver crises, dúvidas e conflitos (cf. Exortação Apostólica *Christus Vivit*, 233) que exigem acompanhamento, diálogo e escuta atenta por parte da família, da escola e da comunidade de fé (cf. *Diretório para catequese*, 252).

Do ponto de vista cognitivo, há uma ampliação significativa das capacidades de raciocínio e reflexão. O jovem passa a ter condições de pensar de maneira mais crítica e abstrata, questionar ideias recebidas e elaborar seus próprios juízos

Essa abertura para novos horizontes o torna capaz de enfrentar grandes questões existenciais, éticas e espirituais. É nesse contexto que a busca por sentido ganha força e que os papéis da educação e da fé se tornam fundamentais para orientar escolhas e caminhos.

Por fim, a afirmação da identidade se coloca como um desafio e uma oportunidade. A juventude é tempo de escolhas que marcam a vida adulta: amizades, vocação, valores e projetos (cf. *Diretório para catequese*, 253). A construção da identidade, no entanto, não se dá isoladamente, mas em diálogo com Deus, com a comunidade e com a sociedade. Quando bem acompanhada, essa fase torna-se ocasião de crescimento, maturidade e abertura ao novo, assim, a juventude não deve ser vista apenas como etapa de instabilidade, mas como um período fecundo, no qual se lançam as bases de uma vida adulta responsável, madura e comprometida. A catequese não pode perder de vista esses aspectos da juventude. ●

***Jeciandro Pessoa** é autor do livro *Como pensar a catequese a partir da família*. Atualmente, trabalha com formação de catequista pelo projeto *Pensar Catequese*.

A FESTIVA DEVOÇÃO NO CÍRIO DE NAZARÉ

♦ Pe. Flávio José Lima da Silva* ♦

O Círio de Nazaré é uma devoção católica do povo paraense. Celebrado desde 1793, os fieis católicos têm um carinho muito especial por Nossa Senhora de Nazaré. Essa devoção teve início com o caboclo Plácido, que encontrou a imagem perto de um riacho. No local onde foi encontrada hoje fica a Basílica do Santuário de Nossa Senhora de Nazaré.

Essa manifestação de fé e devoção a Nossa Senhora de Nazaré naturalmente foi aumentando e se consolidando na vida do povo paraense e hoje é uma das maiores festas religiosas do mundo; para a nação brasileira é uma das maiores manifestações de fé católicas

A celebração solene do Círio de Nazaré acontece sempre no segundo domingo do mês de outubro, mas esse grande momento celebrativo é precedido de grandes atividades em toda a Arquidiocese de Belém (PA). Nesse período de preparação, acontece a peregrinação da imagem em todas as paróquias. Essas, por sua vez, realizam a novena do Círio nas famílias. São milhares de famílias que abrem suas casas e buscam se preparar para esse grande momento de devoção.

O Círio de Nazaré para os paraenses é uma grande renovação de fé. O mês de outubro, mês em que ocorre, é aguardado com muita expectativa. O Círio provoca uma experiência singular na vida daqueles que dele participam, pois milhões de pessoas oriundas de diversas partes do Brasil e também do exterior armam “suas tendas”, ou seja, vão a Belém participar desse período de espiritualidade, renovar a

fé, agradecer e também pedir a intercessão de Nossa Senhora de Nazaré.

Celebrando o jubileu com o tema “Peregrinos da esperança”, neste ano o tema do Círio de Nazaré é “Perseverar na oração, com Maria e Jesus”.

Por fim, outubro é um mês mais do que especial para a nossa Igreja, pois é o mês dedicado à missão, portanto, como peregrinos da esperança precisamos perseverar na oração.

Com Maria e Jesus e renovando a fé, pedimos a Nossa Senhora de Nazaré, mãe do povo paraense e nossa mãe, que interceda por todos nós para que, vivendo nossas vidas cristãs e fortalecidos pela devoção a ela, tornemo-nos pessoas cada vez mais comprometidas com a missão na Igreja e na sociedade, lutando por mais justiça e fraternidade para todo o povo de Deus. ●

***Padre Flávio José Lima da Silva**

é sacerdote religioso da Sociedade Joseleitos de Cristo. Atua como vigário paroquial da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, na cidade satélite do Gama (DF).



Imagem: Manoel Campos / ciriodenazare.com.br

O PAI-NOSSO

♦ Pe. José Alem, cmf ♦

A experiência da oração sempre é uma descoberta do mistério do amor de Deus e nos ensina a aprender a amar como Ele nos ama. Orar como Jesus é mais uma expressão do amor de Deus que nos dá esse dom de poder estar com Ele como filhos e conviver com Ele na mais profunda intimidade.

Orar é uma arte sempre a ser descoberta, aprendida, vivida e aprofundada. Nunca saberemos orar plenamente. Vamos aprendendo com a arte de viver e amar.

Jesus nos dá sua vida em todos os aspectos e dimensões. Nada Ele isso nos faz participantes de sua vida e de sua missão.

A quarta parte do *Catecismo da Igreja Católica* apresenta a oração como experiência cristã seguindo o exemplo de Jesus.

“Um dia, estava Jesus em oração, em certo lugar. Quando acabou, disse-lhe um dos seus discípulos: ‘Senhor, ensina-nos a orar, como João Batista também ensinou os seus discípulos’” (Lc 11,1): foi em resposta a esse pedido que o Senhor confiou aos seus discípulos e à sua Igreja a oração cristã fundamental. São Lucas apresenta-nos um texto breve dessa oração (cinco petições); São Mateus, uma versão mais desenvolvida (sete petições). A tradição litúrgica da Igreja reteve o texto de São Mateus (Mt 6,9-13):

*“Pai Nosso que estais nos Céus,
santificado seja o vosso nome,
venha a nós o vosso Reino,
seja feita a vossa vontade assim
na Terra como no Céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje,
perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos a
quem nos tem ofendido,
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal.”*
(*Catecismo da Igreja Católica*, 2759).

Se entendermos bem essa oração é um resumo do Evangelho e reflete a essência da vida de um verdadeiro discípulo de Cristo. Orar como Jesus exige que se tenha o coração semelhante ao dele para que essas palavras sejam verdadeiras e expressem o verdadeiro amor a Deus.

Por ser a oração do Senhor, ela revela como nos relacionar com Deus, o que acolher e oferecer, o que confiar e pedir, o que precisamos para viver com Jesus o caminho da verdade e da vida.

Essa oração é também uma expressão da vida e missão da Igreja, palavras que expressam a presença e a ação do Espírito Santo, por isso, ela está sempre presente nas celebrações da liturgia da Igreja, que revelam a presença e a ação do Espírito Santo nos



fazendo conhecer e viver tudo o que Jesus nos ensinou e a cumprir a vontade do Pai.

Mesmo que saibamos de cor essas santas palavras, temos muito a aprender, procurando sempre mais entender o seu profundo e verdadeiro sentido. Essa oração de Jesus é uma “escola” de oração e constitui um pilar fundamental para vivermos a fé que Ele nos revelou e que o Espírito Santo nos conduz a viver ao longo da história.

Poderíamos passar toda a vida repetindo essas palavras e ir nos encantando com a riqueza que elas revelam, ir aprendendo a ser verdadeiros filhos de Deus, irmãos e discípulos de Jesus, templos vivos do Espírito Santo.

Se acolhermos com verdadeira fé o mistério de nossa salvação, vamos ver essas palavras de maneira sempre nova e reconhecer em tudo o que Jesus fez e disse o sentido dessa oração. Podemos também reconhecer em José e Maria expressões vivas e reais dessa oração em suas vidas, sempre fazendo a vontade de Deus.

Um grande desafio é fazer essa oração como expressão da fé e do amor a Deus, de nossa esperança em sua infinita misericórdia, e acolher nela a sua vontade para a nossa salvação.

Cada vez que recitarmos essa oração, que o façamos com muito amor e atenção. Que as palavras não saiam somente da boca, mas do coração, e expressem nosso compromisso de viver o que dizemos a Deus. Assim como Deus é fiel a tudo o que Ele diz sejamos também nós fiéis a Ele ao dizer as santas palavras que Ele mesmo revelou.

Façamos da oração do Pai-Nosso um verdadeiro, renovado e encantador encontro com Deus amor, nosso Pai, por meio de Jesus, nosso irmão Salvador, Redentor, conduzidos pelo Espírito Santo em nossa sabedoria e fortaleza, o grande dom de nossa vida e que nos ensina a orar sempre, como Jesus.●

AOS PÉS DA MÃE APARECIDA

♦ Pe. Aloísio dos Santos Mota* ♦

Por volta de nove anos atrás estava eu, ainda como missionário redentorista, na biblioteca do convento no Santuário Nacional perscrutando os relatos históricos da maior devoção mariana do país quando, de passagem pelos livros, deparei com um opúsculo intitulado Aos pés da Mãe.

Imediatamente me recordei da espiritualidade mariana e cristológica do grande pai da Teologia Moral, Santo Afonso Maria, que, em seus escritos sobre a busca da prática de amar a Jesus Cristo, ensina que “todos podem ser santos, cada um em seu estado de vida”.

Recordei-me, igualmente, de que ele nos estimulava a rezar bem perto do povo, aliás, como o povo, e então, fui tentar fazer isso e tudo se configurou na basílica histórica de Aparecida, onde me fiz romeiro durante os anos em que aí estive. Várias vezes fui ao meio do povo para visitar a imagem de Nossa Senhora; queria ouvir as conversas, escutar as orações que, às vezes, eram tão marcantes e em voz alta. Foi aí que essa expressão me fez cair em mim: todos estamos aos pés da Mãe.

De fato, desde criança, aos pés da mãe corríamos diante do medo e das ameaças infantis de nosso mundo ainda pequeno. Aos pés da mãe corríamos quando algo não dava certo em nossa vida. Aos pés da mãe há sempre consolo e consolação,

abraço afetuoso, colo materno e a certeza de que, mesmo quando fazemos o que não devemos, é aos pés dela que devemos sempre estar.



**Essa expressão faz
ainda mais sentido
quando estamos junto
com o povo, na fila que
passa atrás do altar
da basílica histórica,
porque, quando
passamos aos pés da
imagem, o olhar é
para cima, a postura
é de humildade,
busca-se o Céu. Por
consequente, o melhor
lugar: aos pés da Mãe**



Às quinze horas, a consagração, na voz do Padre Vítor Coelho, também me chamava a atenção, não só pela sua bela voz rouca e entonação perfeita, mas também pela música de fundo: “Rogai por nós, ó Mãe, tão pia”, sobretudo a versão primeira, entoada pelo antigo coral da basílica. Essa canção, que sempre esteve ao fundo da oração da consagração, cunhada pelo apóstolo de Aparecida, também nos revela a mesma verdade que aprendi aos pés dela: “infeliz quem não te conhece”, diz a letra da canção filha de

seu tempo e da teologia vigente à época.

Na basílica nova, igualmente, após enfrentar as filas enormes, estamos aos pés da imagem mais querida do Brasil, olhando-a e conversando com a pessoa de Maria. A relação entre o que me ocorreu naquela tarde na biblioteca do convento, lendo e meditando aquele opúsculo, e o fato de me propor a estar junto ao povo, aos pés da Mãe, fez renascer uma devoção e piedade popular em mim que, diga-se de passagem, não se aprende nas universidades, nem nos cursos, nem nos livros; nelas, há indicações e proposições, mística mesmo só se propondo, experimentando, vivendo. Quem se faz romeiro de Aparecida não volta vazio, volta cheio, repleto do afeto materno e do regaço acolhedor de uma mãe que olha seus filhos, a seus pés, e se compadece de suas aflições e necessidades.

Em minha história, como padre devoto de Maria, há vários momentos simples e significativos, como esse, afinal, ela é “Maria de Nazaré, Maria do povo, Maria de Deus”. Para nós ela é Mãe! Resta-nos ser povo, Igreja por inteiro, comunidade de comunidades e estar a seus pés como filhos amados.

***Padre Aloísio dos Santos Mota**

é bacharel em Teologia e Filosofia e assessor da Pastoral da Comunicação na Arquidiocese de Aparecida (SP). Atuou como missionário no Santuário Nacional de 2016 a 2019. Atualmente é pároco na Paróquia São Pedro Apóstolo na Arquidiocese de Aparecida, cidade de Guaratinguetá (SP).

O SEXTO
MANDAMENTO É
UM ALERTA EM
RELAÇÃO À



♦ Pe. Luiz Antônio de Araújo Guimarães* ♦

Ao contemplar os dez mandamentos da Lei de Deus, percebe-se que o sexto é “Não pecar contra a castidade”, o que implica dizer vivê-la de modo íntegro, sem feri-la, o que possibilita ao ser humano o caminhar em comunhão com Deus e numa harmonia de vida consigo mesmo.

Deus criou o homem e a mulher de modo íntegro, quer dizer, plenos, sem a mácula, conforme está narrado no Livro do Gênesis, porém, quando esses pecaram, daí houve um distanciamento da vontade primeira do Criador; porém, Ele é tão bom que enviou os profetas a fim de pronunciarem a Palavra Divina e aqueles que haviam pecado se convertessem e voltassem à sua condição primária. A essência do ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus, é ser harmonioso no amor, isto é, amar e ser amado equilibradamente. É viver a sua vocação de amar. Afirma o *Catecismo da Igreja Católica*, no número 2331: “Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Ao criar a humanidade do homem e da mulher à sua imagem (...) Deus inscreveu nela a vocação para o amor e para a comunhão e, portanto, a capacidade e a responsabilidade correspondentes”.

Não há como compreender a castidade sem que seja a partir da vocação ao amor: por exemplo, o homem e a mulher, ao acolher o amor que vem de Deus, vivem a essência do amor de modo recep-

tivo e, tendo essa consciência e conhecendo os seus limites humanos, haverão de amar respeitosa-mente um ao outro, sem que firam a dignidade de filhos de Deus e de pessoa humana: “A castidade significa a integração conseguida da sexualidade na pessoa e daí a unidade interior do homem no seu ser corporal e espiritual. A sexualidade, na qual se exprime a pertença do homem ao mundo corporal e biológico, torna-se pessoal e verdadeiramente humana quando integrada na relação de pessoa a pessoa, no dom mútuo total e temporalmente ilimitado, do homem e da mulher. A virtude da castidade engloba, portanto, a integridade da pessoa e a integralidade da doação” (*Catecismo da Igreja Católica*, 2337). A castidade é, por sua vez, o ordenamento da vontade humana à vontade de Deus. Daí é importante se perguntar: o que Deus pensa de mim? Meu modo de amar caminha em conformidade com a vontade de Deus?

Antes de ser casto nas atitudes, o ser humano precisa ser casto no coração e na mente, é isso que garante essa comunhão e integralidade enquanto pessoa criada por Deus para a vivência do amor

A castidade não pode, jamais, caminhar longe da virtude da temperança. É ela que vai dando o equilíbrio, a harmonia, de modo que a pessoa faça uma análise interior – olhe para o mais profundo de seu coração – e se enxergue como um ser criado pelo amor divino e queira viver o amor humano ordenadamente, ou seja, controlando seus impulsos carnis, por isso, sabiamente diz a Igreja: “A castidade implica uma aprendizagem do domínio de si, que é uma pedagogia da liberdade humana. A alternativa é clara: ou o homem comanda as suas paixões e alcança a paz, ou se deixa dominar por elas e torna-se infeliz” (*Catecismo da Igreja Católica*, 2339).

Para salvaguardar a paz interior de cada ser humano, cuja origem está no coração de Deus, é que a Igreja no sexto mandamento afirma “Não pecar contra a castidade”, contudo, não se atemorize das vezes em que você se distanciou desse mandamento, porém, o mais bonito é saber que a misericórdia de Deus vai ao seu encontro de modo a o resgatar para a harmonia do amor, a condição primeira a que foi criado. Saiba que Ele não se deixa vencer em generosidade na arte de amar você, por isso acolha sempre a vontade dele em sua vida, só assim será capaz de amar integralmente e de viver a beleza da castidade! ●



Imagem: Khunatorn / Adobe Stock

UM ABRAÇO, UM SORRISO E UMA VIDA

Esboce um sorriso, dê-me um abraço e diga uma frase completa: diante da suspeita de um acidente vascular cerebral (AVC), a probabilidade de que o paciente esteja incapacitado de fazer com maestria alguma(s) dessas ações é muito grande.

Esses sinais simples podem salvar vidas. O chamado teste do sorriso, abraço e música/frase (“teste do SAMU”) ajuda a identificar rapidamente um possível acidente vascular cerebral. Se a pessoa não consegue sorrir simetricamente, levantar os dois braços ou articular bem uma frase deve-se acionar imediatamente o serviço de emergência.

No acidente vascular cerebral, cada minuto conta: quanto mais cedo o tratamento é iniciado, maiores as chances de uma reabilitação mais eficaz

No acidente vascular cerebral, cada minuto conta: quanto mais cedo o tratamento é iniciado, maiores as chances de uma reabilitação mais eficaz.

Tão importante quanto reconhecer os sintomas é saber como prevenir. O acidente vascular cerebral está fortemente ligado a fatores de risco que, em sua maioria, podem ser controlados, de maneira que buscar manter a pressão sob controle, alimentar-se

de forma equilibrada e praticar atividades físicas regulares (e como tenho dito isso em minhas colunas e textos do Instagram, hein?!) são práticas fundamentais para a redução da probabilidade do evento.

Além disso, consultas periódicas com seu médico permitem ajustar medicações e identificar precocemente alterações silenciosas, como a fibrilação atrial (uma arritmia cardíaca que eleva o risco de ter um acidente vascular cerebral). Pequenas mudanças de hábitos, como reduzir o consumo de álcool, dormir bem e controlar o estresse, também desempenham papel protetor.

Finalizo este meu contato mensal com você, caro leitor, reforçando o nosso compromisso de sempre: cuidar da saúde não é apenas evitar doenças, mas também garantir qualidade de vida. No caso do acidente vascular cerebral, a prevenção é a melhor forma de preservar não apenas o corpo, mas a autonomia e a capacidade de viver plenamente, afinal, um sorriso e um abraço podem ser gestos simples, não é mesmo? Todavia, apenas são possíveis quando a nossa saúde está em ordem. ●

***Doutor Caio Bruno Andrade** é natural de Conselheiro Lafaiete (MG), católico, médico, formado pela Universidade do Estado de Minas Gerais e, atualmente, trabalha como médico generalista em uma estratégia de saúde da família (ESF) no interior do Estado de São Paulo.

A FAMÍLIA CRISTÃ COMO ESPAÇO DE MISSÃO

♦ Pe. Rodolfo Faria ♦

Estimado(a) leitor(a) da *Revista Ave Maria*, começo nossa reflexão mensal de outubro, Mês Missionário na Igreja particular do Brasil. A missão na vida da Igreja é uma das linhas mestras da evangelização e do anúncio profético, além da capacidade de congregar pessoas em torno da Palavra e do testemunho de Jesus Cristo. A missão acontece em muitos lugares, entretanto, é na família que fazemos a experiência missionária mais singular das nossas vidas, ou seja, a partir do testemunho dos nossos familiares.

A palavra grega “*oikós*” significa “casa”, “família”, “lar”. No contexto do Evangelho, podemos entender essa amizade como algo que ultrapassa o convívio superficial e funcional. Jesus não nos trata como meros instrumentos de um propósito, mas nos insere em seu lar espiritual, no círculo íntimo de sua relação com o Pai. Ele nos chama para dentro da sua casa e, nesse lar, amigo é mais que vínculo afetivo, é parte da família, sendo assim, é na família que somos chamados para ser Igreja, portanto, muito mais importante do que ir para a Igreja.

A família também é o espaço onde se compartilham segredos, dores, alegrias, conquistas e missão. Jesus diz: “Tudo o que ouvi de meu Pai eu tornei conhecido a vocês” (Jo 15,15). Isso é amizade no nível mais profundo: confiança plena, revelação do coração, convivência no amor. Como podemos chegar a esse nível? Aqui está a chave para aumentar em nós a comunhão fraterna: a convivência!

Sabemos que, nos dias de hoje, tempo é um recurso cada vez mais escasso; todos temos

vários compromissos (trabalho, estudos, pastorais, lazer etc.), mas o que no começo pode ser encarado como mais um compromisso com o tempo se torna um querer, querer estar juntos, querer passar um tempo com os irmãos em família. Nesses encontros familiares, por assim dizer, podemos de fato conviver e descobrir afinidades, interesses em comum e também podemos descobrir por qual momento o irmão passa (de alegria, celebração ou de tristeza e aflição).



A “comunhão fraterna” (“*koinonia*”) é a união espiritual dos cristãos baseada na mesma fé e no mesmo estilo de vida



A primeira comunidade cristã tinha consciência de estar unida pelo Espírito do Senhor, que fazia deles “um só coração e uma só alma” (At 4,32). A alegria transbordava “Cativando a simpatia de todos, e o Senhor cada dia lhes ajuntava outros que estavam no caminho da salvação” (At 2,47), portanto, a missão antes de ser um convite para sair e ir ao encontro dos outros é um encontro com os seus dentro da sua casa.

A missão dentro de nossas casas começa quando compartilhamos a mesma fé, a mesma vida divina, o mesmo Espírito, a mesma Eucaristia. Deveríamos ser capazes de partilhar as outras coisas, pois a comunhão na fé leva à comunhão fraterna. Quanto mais estivermos unidos a Deus, mais abertos deveríamos

Imagem: Blue Cross MN / Adobe Stock



estar à solidariedade e à partilha: “Todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum” (At 2, 44). A comunhão com Cristo é inseparável da comunhão com os irmãos e irmãs, portanto, a família católica só tem sentido quando é retrato vivo da comunhão fraterna, isto é, da caridade. A comunhão com Cristo leva necessariamente à prática da partilha. Compartilhando nossas vidas, compartilharemos também nossas missões evangelizadoras e apostólicas. Seremos verdadeiros(as) discípulos(as) e missionários(as) de Jesus Cristo.

Jesus, sempre que possível, ia se encontrar com seus amigos Lázaro, Marta e Maria. Jesus gostava tanto de estar com seus amigos que foi visitá-los seis dias antes da sua Páscoa (cf. Jo 12,1-2). Jesus, já prestes a enfrentar a paixão, quis, mais uma vez, estar com seus amigos! São João, de modo especial, relata que “Jesus amava Marta, sua irmã Maria e Lázaro” (Jo 11,15). Cabe evidenciar uma profunda mensagem evangélica, transmitida por Marta: a hospitalidade, que constitui uma virtude dos discípulos de Cristo. Trata-se de acolher, de criar espaço em nossas vidas para o próximo. Essa hospitalidade consiste, sobretudo, na atenção e no serviço.

Sendo assim, a cada partilha familiar nosso fardo fica mais leve. Cada olhar amigo, cada ouvido atento, cada abraço carinhoso faz com que nossas forças sejam renovadas e nos motivem a seguir em frente. Bem sabemos que a convivência, em alguns casos, pode não ser fácil, mas é necessário ter paciência, é necessário ter bom ânimo e seguir o exemplo de São Paulo: “Eu me fiz servo de todos para ganhar o maior número possível. Fiz-me fraco com os fracos, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, a fim de ganhar a todos. E tudo isso faço por causa do Evangelho” (1Cor 9,19.22-23). ●



Imagem: Pixel Shot / Adobe Stock

DICAS PARA CRIAR O HÁBITO DE LER

♦ Francisco Medeiros Andrade* ♦

Criar o hábito de ler é como cultivar um jardim: precisa de constância, cuidado e paciência. Não se trata apenas de acumular conhecimento, mas de abrir espaço para um encontro consigo mesmo.

Muitas vezes, pensamos que precisamos de horas livres ou do “livro perfeito” para começar, mas, como dizia Rilke, o essencial é escutar a necessidade interior. Comece pequeno: cinco ou dez minutos por dia já bastam para plantar a semente; aos poucos, esse tempo se expande naturalmente.

Outro passo importante é criar um ritual. Pode ser escolher sempre o mesmo horário, preparar um chá ou sentar na poltrona preferida. O ambiente se torna um convite, sinalizando ao corpo e à mente que aquele é o seu tempo de leitura.

Não leia com pressa. Haemin Sunim nos lembra que só vemos o essencial quando desaceleramos. Um parágrafo lido com atenção pode transformar mais do que um capítulo apressado. A leitura é presença, não corrida.

Faça perguntas ao texto: o que o autor quis dizer? O que isso significa para mim? Adler nos ensina que ler é dialogar com o livro e não apenas

absorver passivamente. Essa postura ativa mantém a mente desperta e faz da leitura um exercício de pensamento crítico.

Por fim, aceite as imperfeições. Haverá dias em que você se distrairá ou não terá ânimo para ler, por isso, não se cobre demais. Lembre-se: a coragem está em continuar, mesmo sem perfeição.

Dicas práticas para cultivar esse hábito:

- Comece com poucos minutos por dia;
- Crie um ritual simples que envolva prazer;
- Leia devagar, permitindo-se saborear as palavras;
- Dialogue com o texto, fazendo perguntas;
- Seja gentil consigo: constância é mais importante que perfeição.

A leitura é uma forma de viver melhor porque amplia horizontes e nos aproxima de quem realmente somos. Ler é um ato de cuidado consigo mesmo e, quando cultivado como hábito, torna-se uma fonte inesgotável de crescimento. ●

***Francisco Medeiros Andrade** é psicólogo clínico e atende de maneira *on-line*. Para mais informações e conteúdo, acesse o Instagram [@psicologofrancisco](#).

Imagem: Ícone russo do Reino dos Céus, século XIX, Wikipedia

JESUS,

O MENSAGEIRO DO REINO:
“HOJE SE CUMPRIU A
ESCRITURA” (LC 4,21)

◆ Pe. Flávio José, sjc* ◆

A fé de Jesus somente pode ser compreendida a partir das Escrituras e, portanto, identificada com o agir de Deus na história humana. Ao observarmos alguns textos dos Evangelhos, é possível reconhecer a concretude do projeto do Pai, que Jesus, o Filho muito amado, assumiu e levou às últimas consequências.

Mesmo diante das limitações e dificuldades encontradas ao longo de sua vida e no contexto religioso e político de seu tempo, Jesus não apenas transpõe as barreiras criadas dentro de sua sociedade, mas também acolhe os gentios, que, aos olhos dos judeus, eram considerados impuros e, por isso, pessoas cujo contato deveria ser evitado (cf. Mt 8,5-9). Jesus considera esses grupos mais aptos para a nova sociedade do Reino do que muitos dos próprios israelitas.

A ação de Jesus revela a eminência do Reino. Ao assumir publicamente sua missão, recebendo o Espírito para proclamar a Boa-Nova aos pobres (cf. Lc 4,16-30), Jesus toma para si os problemas de seu tempo e demonstra um cuidado especial com os excluídos. Seu propósito é instaurar novas relações humanas, baseadas na justiça, que possibilitem uma sociedade em comunhão: um novo tempo, o Reino que chegou. É nessa perspectiva que Jesus exerce sua missão, em total doação, sem falsidade, com coerência e fidelidade.

Nota-se, portanto, que Jesus busca realizar o Reino de Deus, compreendido como dom. Diante da complexidade de seu tempo — religiosa, social e política —, Ele age como alguém profundamente conhecedor da realidade e sensível às questões sociais, culturais, econômicas e religiosas. Essa capacidade de enxergar e enfrentar os problemas se manifesta em suas atitudes concretas.

É notório que Jesus se coloca de fato a serviço do próximo, sobretudo dos mais pobres

Ele luta para que todos tenham sua dignidade reconhecida e sejam respeitados em qualquer condição. Assim, é a partir de sua missão e de sua pessoa que o Reino se concretiza. Com Jesus, inicia-se um novo tempo, o *kairós*, o hoje da graça (Lc 4,19).

Por fim, em Jesus de Nazaré, realiza-se o Reino de Deus, ainda que em meio às contradições, fragmentações e conflitos sociais, religiosos, políticos e históricos. Nele, o Reino de Deus é anunciado e inaugurado. ●

***Pe. Flávio José, sjc** é sacerdote religioso da Sociedade Joseleitos de Cristo. Atua como Vigário Paroquial da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Cidade Satélite do Gama (DF).



Imagem: Reprodução/WEB



KARAAGE (FRANGO FRITO JAPONÊS)

INGREDIENTES

500 g de frango (pode ser peito ou sobrecoxa)
2 colheres (sopa) de molho de soja (*shoyu*)
1 colher (sopa) de saquê culinário
1 colher (sobremesa) de gengibre ralado fresco
1 dente de alho picado
Sal a gosto se achar necessário
1 xícara (chá) de amido de milho para empanar

MODO DE PREPARO

Corte o frango em pedaços pequenos e reserve. Rale o gengibre, pique o alho em pedaços bem pequenos e misture com o *shoyu* e o saquê culinário. Prove e, se achar necessário, adicione uma pitadinha de sal a gosto. Bote o frango e o molho em um saco para alimentos e misture bem para o tempero se espalhar. Deixe o frango marinar no tempero na geladeira por pelo menos 2 horas. Se quiser agilizar, pode deixar só 30 minutos em temperatura ambiente, mas o sabor pode não ficar tão intenso. Em seguida, tire os pedaços de frango da sacola e passe em uma tigela com o amido de milho para empanar. Tire o excesso antes de fritar. Frite em óleo quente até ficar dourado e crocante. Deixe descansar em um recipiente com papel-toalha para remover o óleo e ficar sequinho. Sirva o *karaage* com fatias de limão e um molho à sua escolha.

BOLO MESCLADO NA AIR FRYER

INGREDIENTES

Parte 1

½ mistura de bolo para air fryer sabor laranja
1 colher (sopa) de margarina sem sal em temperatura ambiente (25 g)
25 ml de leite integral
1 ovo

Parte 2

½ mistura de bolo para air fryer sabor chocolate
1 colher (sopa) de margarina sem sal em temperatura ambiente (25 g)
25 ml de leite integral
1 ovo

MODO DE PREPARO

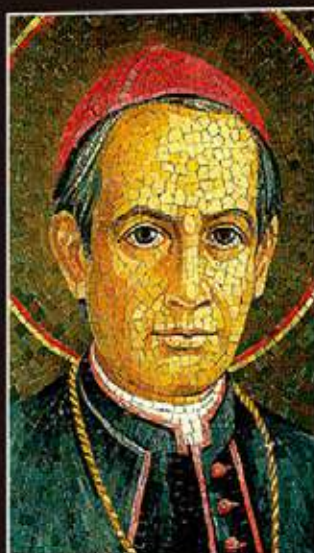
Em um recipiente, despeje metade da mistura de bolo sabor laranja, acrescente o ovo, a manteiga e o leite e mexa bem com o auxílio de uma colher até obter uma massa lisa e homogênea. Em outro recipiente, despeje metade da mistura de bolo sabor chocolate, acrescente o ovo, a manteiga e o leite e mexa bem com o auxílio de uma colher. Unte uma forma com manteiga e vá adicionando colheradas alternadas das duas massas, criando o efeito mesclado. Leve para a *air fryer* a 170 °C por 18 minutos.



Imagem: Reprodução/WEB

CONHEÇA A VIDA INSPIRADORA DE

*Santo Antônio
Maria Claret!*



Santo Antônio Maria Claret

AUTOBIOGRAFIA

AM
EDITORA
AVE-MARIA

A autobiografia de **Santo Antônio Maria Claret** é uma leitura essencial para aqueles que buscam inspiração na fé. É uma obra que toca o coração e ilumina o caminho espiritual.

Acesse o site avemaria.com.br e nossas redes sociais para saber mais!

AM
EDITORA
AVE-MARIA



Quaresma da Divina Misericórdia:

47 dias para
mudar de vida!

Autor:
Padre Luís Erlin



Acompanhado por meditações diárias e orações, Pe. Luís Erlin nos ensina que, como Dimas, podemos clamar a Jesus: "Lembra-te de mim", e experimentar a transformação através do olhar de Cristo. Guiado pela Misericórdia, o leitor é encorajado a abraçar a paz e a alegria de uma nova vida em Cristo.

Uma leitura essencial para quem deseja redescobrir a fé e a esperança, e viver plenamente a experiência da Divina Misericórdia.

Acompanhe nossas redes
sociais para saber mais!



Adquira pelo site
avemaria.com.br

